

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS

FRANCIMÔNICA DAS CHAGAS MOURA

**AS REALIZAÇÕES FONÉTICAS DO FONEMA /ʎ/ NA FALA DE JOVENS E  
ADULTOS DA CIDADE DE SÃO LUÍS DO PIAUÍ-PI.**

PICOS-PI  
2014

FRANCIMÔNICA DAS CHAGAS MOURA

**AS REALIZAÇÕES FONÉTICAS DO FONEMA /ʎ/ NA FALA DE JOVENS E  
ADULTOS DA CIDADE DE SÃO LUÍS DO PIAUÍ-PI.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal do Piauí como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Letras Português.

Orientador: Prof. Me. Luiz Egito de Souza Barros.

**FICHA CATALOGRÁFICA**

**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca José Albano de Macêdo**

**M929r** Moura, Francimônica das Chagas.

As realizações fonéticas do fonema /ʎ/ na fala de jovens e adultos da cidade de São Luís do Piauí-PI / Francimônica das Chagas Moura. – 2014.

CD-ROM : il; 4 ¾ pol. (61 p.)

Monografia(Licenciatura em Letras-Português) – Universidade Federal do Piauí. Picos-PI, 2014.

Orientador(A): Prof. Me. Luiz Egito de Souza Barros

1. Fonética. 2. Fonologia. 3. Sociolinguística. 4. Despalatalização. I. Título.

**CDD 414**

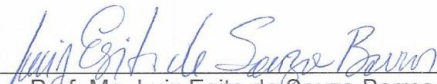
FRANCIMÔNICA DAS CHAGAS MOURA

**AS REALIZAÇÕES FONÉTICAS DO FONEMA /ʎ/ NA FALA DE JOVENS E ADULTOS DA CIDADE DE SÃO LUÍS DO PIAUÍ-PI.**

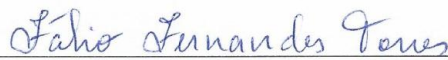
Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Federal do Piauí como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Letras Português.

DATA DA APROVAÇÃO: 12 / 08 / 2014

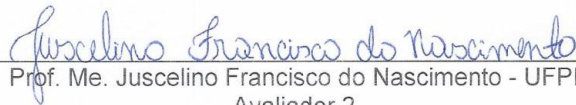
**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Me. Luiz Egito de Souza Barros – UFPI  
Orientador



Prof. Me. Fábio Fernandes Torres - UFC  
Avaliador 1



Prof. Me. Juscelino Francisco do Nascimento - UFPI  
Avaliador 2

A Deus, a quem devo todas as minhas vitórias. Aos meus pais, que com muito esforço me mantiveram firme durante toda a minha caminhada. Ao professor Luiz Egito, pois esta conquista foi fruto de um trabalho em parceria. Aos demais familiares, amigos e amigas que tanto torceram pelo meu sucesso.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus, ser divino que me fez forte para continuar esta longa caminhada, que muitas vezes pareceu ser impossível de ser concluída.

Em segundo lugar, aos meus pais, meus irmãos, cunhada, e a toda a minha família que tanto me apoiaram e que jamais mediram esforços para fazer com que eu pudesse alcançar meus objetivos, fazendo deles também os seus.

Ao meu orientador e estimado mestre, professor Luiz Egito de Souza Barros, que contribuiu de forma significativa para o alcance desta grande conquista. A ele, serei imensamente grata pela paciência, compreensão e disponibilidade a que se prestou durante toda a etapa de produção deste trabalho.

Aos meus amigos e amigas pela paciência e compreensão pelas vezes que me fiz ausente. Aos novos amigos que fiz, sobretudo as grandes amigas que encontrei durante o percurso acadêmico e que tanto me reanimaram nos momentos difíceis da caminhada. A elas, deverei a força e garra que tive para concluir esta importante etapa.

Aos demais docentes do curso de Letras, aos quais terei sempre que agradecer pelos conhecimentos compartilhados.

Por fim, a todos aqueles e aquelas que contribuíram de maneira direta e indiretamente para o meu sucesso e que embora não citados, sempre lembrarei e serei a todos imensamente grata.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo descrever o processo de despalatalização do fonema /ʎ/, procurando analisar as realizações fonéticas deste fonema na fala de jovens e adultos da cidade de São Luís do Piauí – PI. Mais especificamente, procuramos detectar quais realizações fonéticas deste fonema que ocorrem com frequência na fala destes informantes, bem como verificar quais os fatores linguísticos e extralinguísticos que mais influenciam na ocorrência de cada variante fonética. Deste modo, a presente pesquisa justifica-se pela necessidade de se compreender a correlação de forças que se estabelece entre o condicionamento linguístico (contexto linguístico de realização do fonema) e o extralinguístico (relacionado à idade) no processo de ocorrência desta variação fonética na fala de jovens e adultos da cidade de São Luís do Piauí. Nossa hipótese é a de que a vogal seguinte, enquanto variável interna, condiciona a realização fonética do fonema /ʎ/. No que se refere ao condicionamento externo, apontamos a idade, como sendo um dos principais fatores que influenciam tal variação. Para a realização desta pesquisa, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, pela qual estruturamos o embasamento teórico e metodológico, e uma pesquisa de campo, por meio da qual coletamos os dados, cuja análise veio a confirmar as nossas hipóteses. Para coleta dos dados, utilizamos os seguintes instrumentos de pesquisa: uma entrevista seguida da aplicação de um questionário a falantes jovens e a adultos da cidade de São Luís do Piauí. A análise se desenvolveu confrontando-se as realizações fonéticas do fonema /ʎ/ com o contexto seguinte, em seguida comparamos os mesmos casos com as características sociais dos sujeitos da pesquisa. Assim realizamos uma análise fonética e outra sociolinguística. Estas análises foram norteadas pelos seguintes autores: Aragão (1999), Bagno (2006, 2007), Bortoni-Ricardo (2005), Cagliari (1997), Callou e Leite (2001), Carvalho e Nascimento (1971), Hora (2001), Monteiro (2005), Preti (2000), Quadros (1966), Silva (2005), Silveira (1986), Tarallo (1999) Teyssier (2011), além da leitura de trabalhos já realizados nestas áreas, como o trabalho de Ferreira (2011). Com a análise realizada dos dados coletados, constatou-se que a despalatalização do fonema /ʎ/ ocorreu com frequência na fala dos informantes, realizando-se por meio de 05 subtipos diferentes. Notou-se que para a ocorrência de tal fenômeno se destacou a influência da vogal seguinte, principalmente a vogal /u/, /e/ e /a/. Para as vogais /ɛ/, /o/ e /ɔ/, observou-se contradições quanto as suas ocorrências. Como condicionamento externo, verificou-se a influência da variável idade, já que a despalatalização foi mais frequente para os adultos e a preservação da variável de prestígio [ʎ] para os jovens, constatação esta que nos induziu a enxergar a possibilidade de haver ainda a influência da variável escolaridade. É importante ressaltar que há a possibilidade de existência de outros componentes condicionadores de variação como o morfológico, o lexical e a tonicidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fonética. Fonologia. Sociolinguística. Despalatalização.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição dos casos de despalatalização .....	35
Tabela 2: Distribuição dos subtipos de despalatalização por vogal seguinte .....	36
Tabela 3: Distribuição dos subtipos de despalatalização por faixa etária .....	40



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>1 FONÉTICA E FONOLOGIA</b> .....	<b>11</b>
1.1 Desenvolvimento da Fonética e Fonologia .....	11
1.2 Fonemas e alofones.....	15
1.2.1 Neutralização e arquifonema.....	17
1.3 Origem e inclusão do fonema /ʎ/ no sistema da Língua Portuguesa .....	18
1.4 Descrição do fonema /ʎ/.....	20
<b>2 SOCIOLINGUÍSTICA</b> .....	<b>24</b>
2.1 Variação linguística .....	24
2.2 Variação e mudança .....	28
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	<b>32</b>
<b>4 ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	<b>35</b>
4.1 Semivocalização [y].....	36
4.2 Semivocalização [y] seguida de apagamento da vogal seguinte .....	37
4.3 Despalatalização seguida de apagamento do fonema /ʎ/ [Ø] .....	38
4.4 Despalatalização com conservação do [j] .....	38
4.5 Despalatalização seguida de velarização [ɣ] .....	39
4.6 Preservação do fonema /ʎ/ .....	39
4.7 O condicionamento externo: a influência da variável idade .....	40
4.8 Outras motivações .....	41
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>46</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>48</b>
APÊNDICE A: corpus de análise .....	49
APÊNDICE B: questionário utilizado para coleta de dados .....	61

## INTRODUÇÃO

No português falado no Brasil podemos encontrar como um dos tipos de variação linguística mais perceptível o conjunto de variação denominada variação fonética, já que esta se manifesta na fala. Este tipo de variação ocorre no idioma brasileiro, assim como em todas as outras línguas naturais, devido à grande diversidade social, cultural e étnica encontrada no país.

Sendo assim, podemos encontrar no conjunto de variação fonética do português brasileiro, realizações linguísticas que coexistem dentro de um mesmo espaço social e que são aceitas como equivalentes como os casos de realização das palavras “palha” [‘paʎa>’paya], “menino” [me’ninu>mi’ninu], “duas” [‘duas>’duaʒ], “rasga” [‘hasga>’haʒga], entre diversas outras ocorrências, que afetam os aspectos fonético-fonológicos da língua falada em determinadas situações de uso, mas que não afetam a estrutura formal deste sistema.

Mediante a observação deste conjunto de variação fonética, selecionou-se como alvo da pesquisa a variação do fonema lateral palatal /ʎ/ na fala de jovens e adultos da cidade de São Luís do Piauí-PI, já que se observou que os habitantes desta cidade apresentam, com certa frequência em sua fala cotidiana, a variação do fonema em estudo. Desta forma, a presente pesquisa visou responder a seguinte problemática: Quais variantes do fonema /ʎ/ ocorrem com frequência na fala de jovens e adultos da cidade de São Luís do Piauí-PI?

Percebe-se que sendo a língua um sistema dinâmico, sujeito a variação, considera-se que tal ocorrência de variação fonética pode efetuar-se devido às influências de elementos próprios do sistema da língua, bem como por influência de fatores extralinguísticos.

Sendo assim, no que tange às influências internas, ou do próprio sistema, destacamos para este estudo especificamente o contexto em que o fonema /ʎ/ ocorre. Assim, o fato de o fonema /ʎ/, em português, ocorrer apenas em contexto intervocálico, nos induz a analisar sua despalatização levando em conta não o fato de ser intervocálico, mas por estar suscetível à influência dos traços articulatórios da vogal seguinte.

Com relação às influências de aspectos sociais dos falantes, elegemos as seguintes variáveis sociais: idade, sexo e escolarização, cabendo ressaltar que foi dada ênfase a observação da influência do fator idade, já que acreditamos que este

possa exercer influência na ocorrência desta variação. Com relação às demais variáveis, sexo e escolarização, estas foram utilizadas apenas como meio de uniformizar a amostra desta pesquisa.

Tal pesquisa tem como objetivo, portanto, analisar as realizações fonéticas do fonema /ʎ/ na fala de jovens e adultos da cidade de São Luís do Piauí, detectar quais realizações fonéticas do fonema ocorrem com frequência na fala destes informantes, bem como, verificar quais os fatores linguísticos e extralinguísticos que mais influenciam a ocorrência de cada variante fonética.

Desta forma, este estudo justifica-se pela necessidade de se compreender a correlação de forças que se estabelecem entre o condicionamento linguístico (contexto linguístico de realização do fonema) e o extralinguístico (relacionado à idade) no processo de ocorrência desta variação fonética na fala de jovens e adultos da cidade de São Luís do Piauí.

Para fundamentar e legitimar o nosso trabalho, recorreremos aos estudos de alguns autores, como Aragão (1999), Bagno (2006, 2007), Bortoni-Ricardo (2005), Cagliari (1997), Callou E Leite (2001), Carvalho e Nascimento (1971), Hora (2001), Monteiro (2005), Preti (2000), Quadros (1966), Silva (2005), Silveira (1986), Tarallo (1999) Teysier (2011), além da leitura de trabalhos já realizados nestas áreas, como o trabalho de Ferreira (2011).

Este trabalho foi organizado em quatro capítulos. O primeiro capítulo apresenta alguns aspectos das ciências denominadas Fonética e Fonologia, bem como uma breve exposição da história de origem e inclusão do fonema /ʎ/ na Língua Portuguesa e sua descrição mediante o ponto de vista da fonética articulatória. No segundo, poderemos encontrar alguns aspectos dos estudos sociolinguísticos, como a explicação acerca do fenômeno de variação e explanação dos aspectos e diferenças estabelecidas entre variação e mudança.

No terceiro capítulo, encontram-se os métodos utilizados para a realização da pesquisa, como também uma descrição detalhada do campo de estudo e dos informantes da pesquisa. Em seguida, no quarto capítulo, poderemos encontrar a análise de dados realizada, contendo informações acerca da possível influência da vogal seguinte no processo de despalatalização /ʎ/ e a influência da variável social idade. Para finalizar, encontraremos as considerações finais da autora frente ao fenômeno de despalatalização encontrado na fala dos jovens e adultos de São Luís do Piauí – PI.

## 1 FONÉTICA E FONOLOGIA

A Fonética e Fonologia são concebidas como duas subáreas da Linguística que possuem como objeto de estudo os sons da língua. Tais subáreas, embora sejam dependentes uma da outra, investigam o mesmo objeto com perspectivas diferentes, podendo ser consideradas como ciências autônomas e interdependentes.

### 1.1 Desenvolvimento da Fonética e Fonologia

A Fonética e Fonologia são concebidas como duas ciências que possuem como objeto de estudo os sons da língua, diferenciando-se uma da outra pelo modo como concebem estes sons e pelo uso de metodologias diferentes para analisá-los. É preciso observar, no entanto, que tais áreas de estudo da língua nem sempre foram assim definidas, pois, analisando o seu percurso histórico de origem, pode-se observar que estas áreas de estudo eram consideradas, inicialmente, apenas como nomenclaturas diferentes dadas a uma única ciência. Tal concepção pode estar baseada no modo como elas foram concebidas nos primeiros estudos desenvolvidos, segundo Silveira (1986), pelos hindus e gregos acerca da descrição dos sons da língua que cada um utilizava.

Segundo ainda a mesma autora, estes estudos, realizados há muitos séculos, basearam-se na descrição de aspectos articulatórios e acústicos dos sons da língua e tinham como objetivo a tentativa de grafar estes sons, ação esta, aliás, que se efetivou e que possibilitou a criação da escrita alfabética. Por terem sido pesquisas realizadas em um recorte sincrônico, se aplicava tanto à nomenclatura fonética como à fonologia para se referir a ambos os estudos.

Reafirmando a ideia, Silveira (1986, p. 16) expõe que,

Dados científicos permitem-nos dizer que os hindus estudaram o som articulatoriamente e os gregos, pela acústica. Ambos os estudos tratavam sincronicamente dos sons, o que possibilitou o emprego sinonímico dos termos fonética e fonologia, em várias línguas que tinham os dois sufixos.

Como se pode observar, os estudos realizados sobre os sons da língua tinham um enfoque fonético, ou seja, descritivo, não se trabalhava ainda com os aspectos fonológicos distintivos ou funcionais, como os adotados pela fonologia atual, não havendo ainda a ideia de fonema. A ideia inicial de existência de fonemas

só foi lançada séculos depois com os estudos linguísticos desenvolvidos por Ferdinand de Saussure e outros linguistas que o sucederam.

Os estudos realizados por Saussure se apresentam, portanto, como a base para o estabelecimento da diferença entre ambas as ciências, pois, embora sua concepção seja divergente da concepção atual, já que atribuiu à fonética o caráter de ciência diacrônica e à fonologia um caráter sincrônico de estudos dos sons da língua, propiciou, por meio de suas dicotomias *langue/parole*, *significante/significado*, *sintagma/paradigma*, o surgimento do conceito de fonema, conceito este definido e formalizado mais tarde pelos estudiosos do Círculo Linguístico de Praga.

Embora essa concepção esteja distinta das acepções atuais dos dois termos, a distinção entre fonética e fonologia foi possível a partir do pensamento saussuriano, pelo uso de suas noções de língua (*langue*) e fala (*parole*), forma e substância, sintagma e paradigma. É somente com os trabalhos de Trubetzkoy, Jakobson e outros componentes do Círculo Linguístico de Praga, no 1º Congresso Internacional de Linguística (Haia, 1928) que a fonologia se constitui como um campo distinto da fonética, tendo um objeto próprio de estudo. (CALLOU, LEITE 2001, p.12)

O passo determinante para opor, portanto, ambas as ciências do som foi a formalização do conceito de fonema realizado pelo Círculo Linguístico de Praga que se baseou, mais especificamente, na dicotomia saussuriana *langue* e *parole*, a qual possibilitou estabelecer a diferença entre o aspecto articulatorio e o funcional dos sons.

Segundo Silveira (1986, p. 19),

Em 1928, no Congresso do Haia, o Círculo Linguístico de Praga, chefiado por Nicolai Serge Troubetzkoy, pela proposição nº 22, diferencia, no plano linguístico, as duas ciências que tratam do significante do signo, utilizando a dicotomia saussuriana: *langue* e *parole*. A fonética estuda os sons que são significantes do signo da *parole* (uso individual da *langue*); a fonologia se preocupa com os fonemas, significantes do signo da *langue* (sistema social, convencional de signos).

Formalizado e divulgado o conceito de fonema, tal elemento fônico passou a ser concebido como uma unidade abstrata dotada de traços distintivos. O fonema foi então concebido como “[...] um som que, dentro de um sistema fônico determinado, tem um valor diferenciador entre dois vocábulos. A realização fônica em si vai interessar à fonética, à fonologia interessa a oposição dos sons dentro do contexto de uma língua” (CALLOU, LEITE 2001, p.37).

Dada, portanto, por meio desta definição de fonema, a nova concepção acerca destas ciências, outros estudos foram surgindo e, embora reconhecendo a

distinção específica de cada área, muitos teóricos admitiram haver uma relação de interdependência entre elas, sendo consideradas, portanto, como ciências autônomas, mas não independentes uma da outra. Sendo assim concebidas, foram surgindo, ao longo do tempo, diferentes e novas teorias no campo da fonologia, como também a criação de ramificações da área de estudos fonéticos que auxiliaram, e ainda auxiliam até os dias atuais, na descrição e compreensão do comportamento dos sons no sistema linguístico.

Na área da fonética, por exemplo, desenvolveram-se várias ramificações, ou seja, subáreas de estudo. Entre estas ramificações encontramos a Fonética articulatória, Fonética acústica, Fonética auditiva, Fonética instrumental entre outras. Cada ramificação, destas citadas, se apresenta como área de interesse da fonética, sendo que cada uma, embora com algumas semelhanças em relação às demais, analisa o som da língua de uma perspectiva diferente, utilizando uma metodologia específica e aderindo a um propósito particular. Na opinião de Silva, T. (2005, p. 23), as subáreas de interesse da fonética se apresentam da seguinte maneira:

**Fonética articulatória:** *Compreende o estudo da produção da fala do ponto de vista fisiológico e articatório.*

**Fonética auditiva:** *Compreende o estudo da percepção da fala.*

**Fonética acústica:** *Compreende o estudo das propriedades físicas dos sons da fala a partir de sua transmissão do falante ao ouvinte.*

**Fonética instrumental:** *Compreende o estudo das propriedades físicas da fala, levando em consideração o apoio de instrumentos laboratoriais.*

Para Callou e Leite (2001), há, ainda, a Fonética expressiva, correspondente, por sua vez, à estilística fônica. Este ramo da fonética estuda a possibilidade existente de atribuir aos elementos fônicos um caráter expressivo que, por sua vez, produz uma significação própria, embora a essa significação não seja atribuído um valor caracteristicamente semântico. Assim sendo, além de possuir um caráter considerado puramente distintivo, o fonema passa a ser enxergado por esta subárea de estudo como unidade mínima da língua capaz de expressar sentidos. Tal ramo de estudo, diferentemente dos demais, defende, a ideia de haver para o fonema não só a função de distinguir palavras, mas, além desta, a de possuir uma significação em determinadas cadeias sonoras.

Segundo Martins (2000, p. 26), a fonética expressiva,

Também chamada Fonoestilística, trata dos valores expressivos de natureza sonora observáveis nas palavras e nos enunciados. Fonemas e

prosodemas (acento, entoação, altura e ritmo) constituem um complexo sonoro de extraordinária importância na função emotiva e poética.

É devido à descoberta de tal propriedade expressiva do fonema que alguns artistas como poetas, cantores e publicitários utilizam os elementos fônicos de forma precisa e criativa para realçar ideias nos textos que produzem.

Martins (2000, p. 26) assim continua dizendo que,

Além de permitir a oposição de duas palavras – função distintiva – a matéria fônica desempenha uma função expressiva que se deve a particularidades da articulação dos fonemas, às suas qualidades de timbre, altura, duração, intensidade. Os sons da língua – com outros sons dos seres – podem provocar-nos uma sensação de agrado ou desagrado e ainda sugerir ideias, impressões. O modo como o locutor profere palavras da língua pode também denunciar estados de espírito ou traços de sua personalidade. Evidentemente, essas impressões e sugestões oferecidas pela matéria fônica são recebidas de maneira diversa conforme as pessoas. São os artistas que trabalham com a palavra, poetas e atores, os que melhor apreendem o potencial de expressividade dos sons e que deles extraem um uso mais refinado.

Como se pode observar, cada subárea da fonética possui suas particularidades, ou seja, mesmo partindo de um mesmo ponto, o ponto descritivo dos fonemas, cada uma manifesta visões e propósitos diferentes entre si. Explicitadas, portanto, as características de cada subárea da fonética, faz-se necessário discutir no momento, e com mais detalhes, alguns aspectos do ramo da fonética denominada articulatória, já que o embasamento da presente pesquisa será realizado segundo os propósitos e metodologias utilizadas por tal ramo de estudo para explicar o fenômeno de ocorrência do fonema /ʌ/ na fala de jovens e idosos de São Luís do Piauí.

Como já inicialmente exposto, a fonética articulatória estuda os sons da língua levando em conta os aspectos fisiológicos e articulatorios envolvidos no processo de produção da fala, constituindo uma das técnicas mais utilizadas no campo de estudo dos sons por ser indispensável a qualquer estudo que tenha como foco a análise dos sons e por apresentar um caráter simples, se comparada às demais. Devido a tais características, esta subárea da fonética acaba ocupando um lugar importante, já que as demais subáreas, como também a área da fonologia, acabam dependendo dos dados descritivos fornecidos por ela para fundamentar suas análises.

A técnica mais difundida é a do exame da produção do som pelo aparelho fonador e registro de ouvido. Tal disciplina é denominada fonética articulatória ou fonética fisiológica. Embora os dados proporcionados pela análise acústica sejam mais objetivos, a maior utilização da fonética articulatória se deve à relativa simplicidade com que pode ser aplicada, em

contraposição à fonética acústica, a qual exige um aparelhamento mais dispendioso, pouco acessível em países em desenvolvimento, ao lado de um conhecimento de física, fato pouco comum aos estudiosos da área de letras e linguística. Ademais, mesmo nos estudos em que se focalizam as propriedades físicas da onda sonora, quer na sua produção, quer na sua percepção, os princípios de segmentação e as unidades apreendidas pela fonética articulatória estão presentes, tornando-se indispensável, portanto, o seu conhecimento. (CALLOU, LEITE 2001, p. 15).

Tal ramo de estudo dos sons recebe esta denominação pelo fato de analisar, portanto, os sons produzidos pelo ser humano por meio dos mecanismos de produção da fala, assim sendo, segundo ainda as autoras,

[...] a designação fonética articulatória tem dois sentidos. No mais amplo seu propósito é descrever qualquer som produzido pelos seres humanos; no mais restrito trata de esmiuçar os mecanismos existentes nas línguas humanas para comporem a enunciação.

O presente trabalho se baseará em tal ramo de estudo fonético já que, visando à descrição do fonema //l/ e suas realizações na fala dos informantes da pesquisa, será escolhida como metodologia a observação dos aspectos articulatórios envolvidos no processo de produção do referido som, aspectos estes estudados pelo ramo da fonética acima citado.

## 1.2 Fonemas e alofones

Para proceder a um estudo de natureza fonética, não se pode deixar de lado a necessidade de ter bem clara a definição do que de fato é o fonema. Como se sabe, a tarefa de elaborar um conceito para este elemento fônico, tal como concebido atualmente, foi muitas vezes controversa. Porém, refinadas as pesquisas acerca dessa conceituação, chegou-se a um consenso e uma das definições adotadas é a de que,

Os sons que têm a função de formar os morfemas e que substituídos por outros ou eliminados, mudam o significado dos mesmos são chamados fonemas. Os fonemas, portanto, são sons (segmentos, elementos) que estabelecem uma relação de oposição entre si. Dizemos que estão em oposição fonológica ou que têm um valor distintivo no sistema da língua. [...] (CAGLIARI, 2002, p. 24)

Cada fonema é concebido como um elemento abstrato dotado de traços articulatórios particulares que o permitem agir de forma distintiva e opositiva em relação aos demais do sistema linguístico. Assim sendo, os fonemas, ao serem substituídos ou eliminados em um mesmo contexto dentro de um morfema, alteram



o seu significado, estabelecendo, dessa forma, uma relação de oposição entre si. Como exemplos, podemos citar as palavras [ˈkɔla] “cola” e [ˈmɔla] “mola”, em que os fonemas /k/ e /m/ estabelecem relações opositivas, já que a comutação entre eles possibilitam a criação de um novo signo.

No entanto, é preciso observar que ao se concretizarem por meio dos sons da fala, os fonemas podem sofrer modificações de alguns dos seus traços distintivos. Ao se unirem uns aos outros, por exemplo, numa determinada cadeia sonora formando morfemas e vocábulos, os fonemas acabam se modificando pelo fato de sofrerem influência dos traços articulatórios dos demais fonemas que o acompanham, assimilando desta forma alguns dos seus traços. Tal assimilação, porém, não o faz transformar-se em outro fonema e não gera, portanto, função distintiva como aquela demonstrada anteriormente, mas sim realizações sonoras diferentes de um mesmo elemento linguístico. Como exemplo, podemos apresentar o caso da palavra “mulher”, que pode ser pronunciada como [muˈλɛ] ou ainda [muˈyɛ], onde a substituição do fonema /λ/ pelo fonema /y/ pode ocorrer por influência dos traços articulatórios do fonema seguinte, o fonema /ɛ/, não assumindo, neste caso, função opositiva.

Deste fato, decorre que, quando na cadeia sonora de um vocábulo há a substituição de um som por outro sem com isso alterar a significação do vocábulo, o que pode ocorrer é a comutação de um fonema por outro (os) os quais podemos denominar foneticamente estes diferentes sons como variantes, ou em termos mais específicos, como alofones, substituição esta que ocorre graças ao fenômeno fonético conhecido como alofonia.

Como expõe Cagliari (2002, p. 25),

Quando a substituição de um som por outro em um mesmo contexto não produz mudança de significado no morfema, o teste de comutação, em vez de mostrar dois fonemas, mostra duas variantes fonológicas (dois alofones apenas). A função fonológica desses dois sons não é distintiva nem opositiva, mas redundante do ponto de vista do sistema linguístico. [...] A realização fonética (alofônica) desse fonema pode ser através de um som ou de outro detectado como variante, mas não dos dois ao mesmo tempo, porque existe um lugar para apenas um som na cadeia-de-fala, naquele contexto.

É devido à existência dessas variantes fonéticas que entendemos como realizações linguísticas equivalentes, por exemplo, as pronúncias da palavra “arte” por [ˈahti] ou [ˈahʃi], compreendendo que a diferença entre [t] e [ʃ] não é fonêmica, ou seja, distintiva, mas sim alofônica, já que a substituição de um som por outro não

muda o significado da palavra neste contexto fonético. No caso do fonema em estudo, o fonema /ʎ/, este pode realizar-se em alguns casos do Português Brasileiro (PB) pelas suas respectivas variantes [y, l, li] como também pela ocorrência do zero fonético [Ø]. Por possuir essa flexibilidade de realização na fala no processo de produção de algumas palavras, é que acabamos considerando como realizações equivalentes, por exemplo, a pronúncia da palavra “palha” pelas realizações [ˈpaʎa] ou [ˈpaya], onde, no segundo caso, se realiza a substituição do fonema /ʎ/ por sua variante [y] sem, com isso, gerar um novo signo.

### 1.2.1 Neutralização e arquifonema

Outro fenômeno linguístico bastante comum que pode ocorrer durante a realização de alguns fonemas do PB em determinados contextos fonéticos é o fenômeno conhecido como neutralização. Tal fenômeno ocorre quando dois ou mais fonemas sofrem a perda de um ou mais dos seus traços distintivos em determinados contextos fonéticos e se neutralizam, ou seja, perdem a oposição fonológica em um contexto específico, possibilitando que a ocorrência de um ou outro destes fonemas não modifique o significado do signo. Como explica Silva, T. (2005, p. 157), a neutralização ocorre quando se verifica que “Certos segmentos que apresentam contraste fonêmico (isto é, que podemos encontrar pares mínimos que caracterizem os segmentos como fonemas) podem apresentar a perda do contraste fônico em um ambiente específico”.

Para exemplificar, vejamos o caso das realizações, [ˈfɛsta] e [ˈfɛʃta]. Nestes casos, podemos verificar que há a ocorrência de neutralização dos fonemas [s] e [ʃ], já que estes se apresentam como distintos em contexto de início de sílaba como nos pares mínimos [ˈʃãw] “chão” e [ˈsãw] “são”, destacando seus traços que são [s] fricativa alveolar desvozeada e [ʃ] fricativa palatal desvozeada, mas que se neutralizam em final de sílaba, como nos exemplos citados, perdendo assim seus traços distintivos (palatal x alveolar) e mantendo os demais (fricativo, desvozeado), representados fonologicamente pelo arquifonema /S/.

Arquifonemas e variantes, no entanto, não devem ser confundidos e entendidos como unidades equivalentes, já que o primeiro é utilizado por meio da descrição fonológica para indicar a supressão de traços distintivos de alguns

fonemas, e o segundo para indicar as possíveis realizações fonéticas de um só fonema por meio de uma descrição de cunho puramente fonético.

Tais definições apresentadas sobre fonemas, variantes e arquifonemas são indispensáveis em um trabalho de cunho fonético, uma vez que para descrever a realização de determinados sons na fala de um grupo de usuários de uma língua específica, precisa-se distinguir com clareza os fenômenos linguísticos que de fato ocorrem no uso dessa língua.

### **1.3 Origem e inclusão do fonema /l/ no sistema da Língua Portuguesa.**

O fonema /l/, descrito foneticamente como consoante lateral palatal representado graficamente pelo dígrafo 'lh', pertence ao conjunto de segmentos fonológicos da língua portuguesa atual, fazendo-se presente na composição de cadeias sonoras de algumas palavras do PB como das palavras “filho” [‘fiʎu], “malha” [‘maʎa], “mulher” [mu’ʎε], entres várias outras.

Tal fonema não fazia parte, no entanto, do conjunto de unidades fonológicas do latim clássico, “língua mãe” da Língua Portuguesa. Ferreira (2011, p. 05) ao citar Vasconceloz (1990) diz que “O fonema /l/ era completamente desconhecido no latim clássico, bem como os fonemas /ʃ/, /ʒ/ e /ɲ/ entre outros. A consoante palatal, por transformações fonológicas, aparece na evolução da língua”.

A ausência deste fonema pode ser confirmada segundo análise do conjunto das consoantes pertencentes ao latim clássico descrito nas mais variadas gramáticas históricas. Bagno (2007, p. 20), por exemplo, na obra “Gramática Histórica: do latim ao português brasileiro” expõe que “[...] o sistema consonantal do português é muito mais rico em fonemas consonantais do que o do latim clássico. Faltavam ao latim todas as consoantes das séries palatal e alveopalatal, além das fricativas sonoras /v/ e /z/”. Sendo assim, já que o fonema em estudo é uma consoante palatal, logo se percebe que a ela ainda não se fazia presente no latim.

O surgimento do fonema lateral palatal /l/ deu-se, dessa forma, mediante o processo de evolução da língua latina, processo este que sofreu influência do latim vulgar (ou imperial, como deixa entender Teyssier) e que possibilitou a origem de diversas outras línguas que, em maioria, incluíram o fonema /l/ ao quadro de fonemas que compõem o sistema linguístico que utilizam. Assim sendo, segundo Teyssier (2001, p. 11), foi com a evolução do latim imperial que vieram grandes

inovações fonéticas, inovações estas que resultaram no acréscimo de fonemas ao conjunto de unidades vocálicas e consonânticas do latim clássico.

A origem do fonema em estudo ocorreu devido à forma como ele começou a ser pronunciado a partir da passagem de elementos fônicos do latim para o português, como os elementos *lia*, *lie*, *lio*. Após tal processo, passou-se a pronunciar tais elementos palatalizando o segmento [l] diante de vogal, principalmente diante da vogal /i/, aproximando os traços fonéticos destes segmentos fônicos aos traços fonéticos do segmento que atualmente conhecemos como o fonema /ʎ/.

Ferreira (2011, p. 8) expõe, ao comentar o posicionamento de Câmara Jr., que

Essas alterações foram possivelmente condicionadas, em primeiro lugar, a uma mudança de silabação, em que o [i] vocálico passou a assilábico, ou iode [y], ditongando-se com a vogal seguinte. Nessa fase o [l] deve ter-se realizado levemente palatalizado, valendo sempre, contudo como dental, como no vocábulo *chile*.

Segundo Teyssier (2001), dentre as inovações do latim imperial, o processo de palatalização foi um dos mais importantes, processo este, responsável pelo surgimento, dentre outros fonemas, do fonema /ʎ/. Segundo ainda Teyssier (2001, p. 12), “quando *l* ou *n* eram seguidos de um yod, originário de *i* e *e* em hiato, estas consoantes passaram a [lh] e [nh] palatais ou “molhados”: ex: *filium* > port. filho, *seniorem* > port. senhor; *teneo* > port. tenho”.

Para compreender o surgimento do fonema /ʎ/, muitos outros teóricos apresentam variados tipos de modificações fonéticas ocorridas na língua latina para explicar a introdução de tal elemento fônico na língua portuguesa moderna. Assim sendo, como expõem Carvalho e Nascimento (1971, p. 61), o fonema /ʎ/ pode ter surgido da modificação ocorrida com os grupos *cl*, *fl*, *pl*, que tanto se palatalizaram sob a forma do fonema /ʎ/ como também sob a forma do fonema /ʃ/ escrito graficamente como “ch”. Para ilustrar, os autores trazem os seguintes exemplos:

*scopolu* > *iscoplu* > *escolho*  
*oculu* > *oclu* > *olho*  
*auricula* > *ouricla* > *orelha*  
*apicula* > *apicla* > *abelha*  
*macula* > *macla* > *malha*

Os autores ressaltam que tal palatalização em /ʎ/, dos grupos acima citados, ocorreu nestas palavras pelo fato de estes segmentos estarem precedidos de vogal, enquanto o /ʃ/ ocorreu por estar precedido de consoante como a mudança de

*masculu > masclu > macho, inflare > inchar, implere > encher.* Além destes, outros grupos também aparecem palatalizados em “lh”.

Como ressalta Bagno (2007, p. 25):

**bl, gl, tl** também se palatizaram em **lh**, quando antecidos de vogal:  
*tribulu > triblu > trilho*  
*tegula > tegla > telha*  
*coagulare > coaglar > coalhar*  
*vetulu > vetlu > velho*  
*rotula > rotla > rolha.*

Os autores mencionados falam e expõem tais modificações, no entanto, não explicam como se deu todo o processo de transformação destes grupos no fonema /l/. Sendo assim, faz-se necessário recorrer a outros teóricos que possam explicar com mais detalhes a origem deste fonema.

Pereira (1935, p. 74), por exemplo, comenta que o surgimento do fonema /l/ pode ter sido também ocasionado pela combinação dos fonemas latinos **li** mais vogal em algumas palavras, que, posteriormente, ao sofrer queda das vogais combinadas, transformou-se na consoante palatal. Como exemplo, o autor cita, Lhe de *li* + vogal: *filium > filho, palea > palha, meliore > melhor, muliere > mulher; de cl, gl, tl, pl: mac'la > malha, reg'lum > relho, vet'lum > velho, manup'lum > manolho.*

Na opinião de Ali (2001, p. 32), nas palavras formadas com os sufixos *-culu*, *-cula*, conservou-se o acento na vogal precedente, e o sufixo alterou-se em *lho*, *lha*, fazendo surgir, portanto, o fonema /l/, como nos casos de *espelho* (de *speculu*), *artelho* (de *articulu*), *orelha* (de *auricula*). Para o autor, primeiramente ocorreu a síncope, eliminando uma vogal *-culu->c'lu- >\*clo*. Porém, o autor ressalta que estes sufixos se transformaram em *lho*, *lha*, graças não só a queda da vogal, mas possivelmente a uma prévia sonorização da consoante /k/, que passando a possuir uma qualidade palatal, conseqüentemente pode ter influenciado o elemento fônico seguinte palatalizando-o.

#### 1.4 Descrição do fonema /l/

Dada por analisada o percurso de origem e introdução do fonema /l/ nas línguas que sucederam o latim, pode-se, então, observar que este fonema pertence ao conjunto dos fonemas consonantais do Português, já que é uma das línguas originadas do latim. Do ponto de vista da fonética articulatória, este fonema é descrito por Silva, T (2005) como consoante lateral palatal vozeada, já que se leva

em conta para tal descrição a observação de modo e zona de articulação deste fonema.

Tal fonema aparece nos vocábulos do Português em posição intervocálica, aparecendo em início de palavra somente no caso do pronome “lhe”. Este comportamento peculiar do fonema /ʎ/ pode estar relacionado ao fato de se observar que em seu percurso evolutivo “a palatalização, ou molhamento do /ʎ/ só ocorreu em posição intervocálica. Por isso, os exemplos de /ʎ/ no português moderno em posição inicial são empréstimos, como o do espanhol “lhama” (Câmara Jr. (1980) apud Ferreira 2011, p. 07).

Como exposto, o fonema /ʎ/ possui suas características articulatórias particulares, como os traços acima citados, que, por sua vez, atuam distintivamente conforme o comportamento linguístico que este fonema apresenta no sistema da língua. Assim sendo, é possível observar que este fonema difere de outros, por exemplo, por apresentar oposição a outros fonemas como nos casos de “malha” [maʎa] e “mala” [mala], “calha” [kaʎa], “capa” [kapa] e “caça” [kasa].

No entanto, mesmo apresentando-se com estas características articulatórias particulares, este fonema pode oferecer outras alternativas articulatórias, segundo Silva, T. (2005), gerando com isto a ocorrência de suas variantes, a saber, [y, l, li], como ainda a ocorrência do zero fonético [∅], que por não agirem de maneira distintiva em determinados contextos linguísticos, substituem o fonema em estudo sem alterar o signo no qual aparece.

Estas alternativas articulatórias existem pelo fato de ser comum, na língua falada, como expõem Callou e Leite (2001), a modificação da propriedade articulatória primária de um fonema, já que ao vir acompanhado e unido a outros fonemas, este segmento acaba assimilando alguns dos traços dos demais fonemas, cooperando, assim, no processo de produção de algumas palavras.

Tais alternativas articulatórias, portanto, podem ocorrer devido a uma série de modificações que, segundo ainda Callou e Leite (2001, p. 44), ocorrem durante o processo de pronúncia de algumas palavras e que podem ser determinadas por fatores fonéticos, morfológicos e sintáticos. Estas modificações podem “alterar ou acrescentar traços, eliminar ou inserir segmentos” por meio de processos fonológicos e/ou fonéticos. As autoras agrupam os processos de ditongação, epêntese, por exemplo, como processos que inserem segmentos como é o caso do aparecimento de semivogal na palavra rapa[y]z, e os processos de síncope,

apócope, entre outros, como processos que apagam segmentos como o caso de ‘peraí’ por ‘espera aí’.

Há ainda, de acordo com as autoras, os processos de assimilação, harmonização vocálica e metafoia que são agrupados como processos que acrescentam ou mudam a especificação dos traços de um ou mais fonemas, destacando que “o processo de assimilação é um dos mais conhecidos e é também responsável por um grande número de alterações fônicas” (CALLOU, LEITE 2001, p. 44).

É por causa da ocorrência deste processo de assimilação que o fonema /ʎ/ aparece como semivogal [y] em palavras como “malha” pronunciada [ˈmaja], onde a influência do traço de altura da vogal seguinte /a/ que, sendo baixa, provoca a ocorrência da variante [y], devido esta possuir traços mais próximos aos da consoante e aos da vogal, atuando assim como um elemento fônico intermediário, conceituado por Silva, T. (2005) como glide.

As ocorrências de substituição do fonema /ʎ/ surgem, portanto, devido aos processos fonéticos que operam na língua, processos estes comuns no ato de fala, e, portanto, relacionados ao modo como este fonema é articulado e produzido numa interação comunicativa. Um desses processos é conhecido como despalatalização que consiste da substituição do segmento palatal por outro não palatal. Deste processo resultam ainda outros dois conhecidos como semivocalização ou iotização.

O processo de semivocalização surge a partir da substituição da consoante /ʎ/ pela semivogal [y] em contexto intervocálico. A iotização, por sua vez, resulta da fusão de vogal com a semivogal ou iode [y], também em posição intervocálica. Desta forma, podemos ver, por exemplo, palavras como “palha” sendo pronunciadas como [ˈpaʎa] ou [ˈpaya].

Câmara Júnior (1986) relata que o processo de iotização ocorre quando há

Mudança de uma vogal ou consoante para a vogal anterior alta /i/ ou para a semivogal correspondente ou iode. Nos falares crioulos portugueses há a iotização das consoantes molhadas /l/ e /n/ / ex. mulher > muyé/, nhonho > ioiô (v. africanismo).

No caso da palavra “palha”, ainda é possível encontrar a realização de [ˈpalia], processo que consiste, por sua vez, na substituição da consoante lateral palatal /ʎ/ pela lateral palatalizada [ʎ̞], variante esta que se apresenta com um leve traço de palatalização, isto é, sem perder totalmente esse traço particular da variável

linguística em tese. Este caso se apresenta como uma das possíveis articulações do fonema /ʎ/ apresentadas por Silva, T. (2005).

Há também, segundo a autora, o processo de troca da consoante palatal /ʎ/ pela lateral alveolar (ou dental) [ʎ] em casos como os da pronúncia da palavra “mulher” que pode aparecer como [mu'ʎɛh] ou [mu'ʎɛ], vista a influência do contexto linguístico em que se encontra. Por último, e não menos ocorrente, pode haver a realização do zero fonético [∅], que consiste no apagamento total do fonema /ʎ/ como no caso da palavra [‘fia], uma das pronúncias do vocábulo “filha”.

Todas essas variações podem vir a ocorrer devido à influência da articulação das vogais que aparecem em contexto seguinte ao fonema /ʎ/, já que, como visto anteriormente, por só ocorrer em posição intervocálica, este fonema acaba assimilando traços articulatorios das vogais modificando assim sua articulação primária. Tal fenômeno de variação pode ser concebido, ainda, como uma exigência de menor esforço do aparelho fonador durante o processo de pronúncia de algumas palavras em momentos de interação comunicativa imediata ou informal, dando assim ao falante a flexibilidade de trocar uma articulação que pede maior esforço por outra de maior comodidade sem com isso prejudicar o ato de comunicação. Este processo pode ocorrer pela obediência à lei fonética denominada pela fonética histórica de “Lei do menor esforço” que, segundo Quadros (1966, p. 134),

Também denominada “Lei da Economia Fisiológica”, é reconhecida como a “rainha das leis fonéticas”, pois procura explicar a tendência do homem, de tornar mais fácil aos órgãos fonadores, a articulação de palavras. Ela conduz à simplificação e à queda ou abrandamento de fonemas ásperos e fortes.

É por meio do conhecimento da ocorrência destes fenômenos fonéticos que podemos compreender e obter bases teóricas para descrever o processo de variação do fonema em estudo na fala do público alvo da pesquisa. No entanto, além destes fatores que são de cunho puramente linguísticos, não se pode deixar de ressaltar que diversos outros fatores podem influenciar tal variação fonética, fatores estes considerados extralinguísticos como idade, sexo, escolarização, classe social econômica, dentre outros que são mencionados pela Sociolinguística, da qual falaremos no capítulo seguinte.



## 2 SOCIOLINGUÍSTICA

A variação é um fenômeno comum a toda língua natural que funciona como veículo e meio de comunicação. Assim sendo, a concretização deste sistema linguístico acaba por manifestar-se de forma heterogênea, tornando-a uma entidade social dinâmica e flexível. Tal fenômeno de variação, por sua vez, não ocorre de forma aleatória e faz-se presente nas diversas manifestações das línguas, graças à forte relação que estas mantêm com a sociedade que as utilizam. É esta relação entre língua e sociedade que a Sociolinguística traz como objeto de estudo.

### 2.1 Variação Linguística

A língua pode apresentar variação justamente por ter como função primordial a de atender todas as necessidades comunicativas dos seus usuários e, já que estas necessidades se apresentam em vários níveis e sendo estes usuários indivíduos muito diferentes entre si, estas mesmas variedades e diferenças acabam se refletindo na língua tornando-a, por assim dizer, uma espécie de identidade social de quem a usa. Tal caráter variável é, portanto, intrínseca à língua, devido à estreita relação que esta mantém com a sociedade, como também à própria natureza funcional desse sistema linguístico.

Como comenta Silva, V. (2004, p. 67),

Ao estudar uma língua em uso numa comunidade, defrontamo-nos com a realidade da variação. Os membros de uma comunidade são falantes homens, mulheres de idades diferentes, pertencentes a estratos socioeconômicos distintos, desenvolvendo atividades variadas, e é natural que essas diferenças, identificadas como sociais ou externas, atuem na forma de cada um expressar-se.

Esta possibilidade de manifestar-se de variadas formas se faz mais presente, portanto, na modalidade falada da língua, correspondendo, desta forma, ao uso propriamente dito deste sistema de signos. Tal propriedade da língua, porém, foi menosprezada por muito tempo pelos estudos linguísticos, denominados estruturalistas, já que concebiam a língua enquanto sistema bem estruturado e homogêneo, deixando de lado o uso da língua por meio da fala. Estes estudos consideravam a fala, em alguns casos, como causadora de manifestações linguísticas “defeituosas” da língua devido esta não realizar-se de maneira idêntica por todos os falantes.

Porém, com o desenvolvimento de novos estudos e com o surgimento da ciência denominada Sociolinguística, passou-se a considerar que tais manifestações da língua, antes consideradas “defeituosas”, nada mais eram do que formas diferentes de produzir por meio da fala um mesmo elemento linguístico, e que estas formas diferentes se realizavam, como ainda se realizam, pelo fato de existir uma íntima relação entre língua, usuário e sociedade.

A Sociolinguística tenta explicar que a existência da pronúncia [‘veyu] ao invés de [‘veɫu] da palavra “velho”, por exemplo, não pode ser considerada “defeituosa” porque a ocorrência de tal pronúncia não prejudica a função comunicativa da palavra, uma vez que não anula o significado deste signo. Tal ciência explica que esta manifestação linguística não é produzida de maneira imotivada, mas sim por causa da influência de vários fatores que podem ser tanto de natureza linguística como extralinguística.

A Sociolinguística explica a variação, portanto, como sendo “[...] essencial à própria natureza da linguagem humana [...]” (MONTEIRO 2010, p. 57). Tal ciência entende que sendo a língua de uso plenamente social, assim como ocorre com a sociedade que a utiliza, esta também apresenta um caráter heterogêneo. Assim sendo, defende a ideia de ser necessária a observação deste aspecto da língua para se compreender melhor a amplitude e complexidade de realização deste sistema para desfazer, dessa forma, equívocos a respeito de algumas manifestações linguísticas consideradas “defeituosas”, já que divergem das manifestações formais da língua.

Esta ciência da linguagem defende que a variação linguística abarca um conjunto de realizações linguísticas que determinada sociedade produz e que podem ocorrer sob a influência dos diferentes aspectos que caracterizam tal sociedade. Sendo assim, considera variação quando esta possui:

[...] aspecto diacrônico (ao longo do tempo) ou sincrônico (em um determinado momento da história). Pode ter um aspecto geográfico: pessoas de lugares diferentes apresentam modos de falar diferentes. Pode, ainda, ter um aspecto social: pessoas de classes sociais diferentes costumam apresentar modos de falar diferentes. O mesmo pode ser encontrado em pessoas de sexos diferentes (principalmente em certas comunidades). Pessoas de grupos étnicos diferentes (emigrantes, por exemplo) também costumam apresentar características próprias (sotaques). Além disto, a variação pode ter um aspecto individual: uma mesma pessoa fala de maneiras diferentes (apresenta variações), dependendo da velocidade de fala, das circunstâncias mais ou menos formais de uso da linguagem (estilos diferentes) e até mesmo dependendo das condições

emocionais do momento (atitudes do falante e outros fatores pragmáticos).  
(CAGLIARI, 2002, p. 114)

A partir das ideias expostas por Cagliari (2002), podemos constatar que a variação linguística pode estar intimamente relacionada aos aspectos sociais dos falantes que a utilizam, já que, por ser a língua parte da sociedade, como tal, acaba assimilando as características do meio social, transformando-se em seu reflexo e o acompanhando em suas diversas transformações ao longo do tempo.

Como se pode observar, os estudos sociolinguísticos tentam a todo tempo provar que a variação não é defeituosa, nem ocorre de forma aleatória e imotivada, pois se apresenta como um fenômeno inerente à língua, uma vez que, em seu pleno uso, algumas manifestações linguísticas acabam ocorrendo de maneiras diferentes, sem com isso afetar a equivalência comunicativa que estas manifestações possuem em relação às demais.

Como relata Monteiro (2000, p. 63),

A variação linguística é consequência da propriedade da linguagem de nunca ser idêntica em suas formas através da multiplicidade do discurso. Se analisarmos um simples fonema, pronunciado várias vezes seguidas por um mesmo indivíduo, constataremos que suas realizações serão diferentes entre si.

Como se pode observar, a impossibilidade de algumas manifestações linguísticas se concretizarem de maneira idêntica chega a ser evidenciada até no nível individual de uso da língua, revelando assim, que enquanto entidade social, a língua varia conforme os usuários que a adotam como também podem variar, ainda, conforme as situações comunicativas que estes usuários criam em suas atividades comunicativas diárias.

A variação linguística, como já bastante frisada, não ocorre de maneira imotivada. Há, segundo os sociolinguistas, tipos de variação linguística condicionados por fatores que são próprios do funcionamento do sistema linguístico, como também por fatores que, mesmo externos a ele, não deixam de influenciar no modo como as pessoas se expressam.

Assim sendo, os sociolinguistas denominaram de variação por condicionamento interno aquela influenciada por fatores próprios do sistema linguístico. Como exemplo, temos, no caso da variação no nível fonético, a alternância de pronúncia de [palha] e [paya] correspondente à palavra “palha”, em que a ocorrência de uma variante /y/ do fonema /l/ é condicionada linguisticamente

pelo contexto em que tal fonema substituído ocorre. Assim, no momento em que é pronunciada esta palavra, o fonema /ʌ/ acaba sofrendo influência dos traços articulatórios da vogal seguinte “a” fazendo com que a zona de articulação do fonema em análise se aproxime por meio do fenômeno de assimilação da zona de articulação da vogal que lhe segue, substituindo assim o /ʌ/ pela semivogal [y], sua respectiva variante.

Por outro lado, este fenômeno pode ainda estar relacionado à influência de aspectos sociais do falante, já que pode ser uma marca dialetal do grupo ao qual pertence (seja grupo social geográfico ou socioeconômico) ou ainda por se apresentarem como formas linguísticas alternativas utilizadas por um mesmo falante em diferentes situações comunicativas. Neste caso, denominou-se este tipo de ocorrência de “variação livre” ou por condicionamento externo.

Tal denominação de “variação livre” foi aceita inicialmente em alguns estudos linguísticos pelo fato de alguns teóricos considerarem os fatores sociais como idade, sexo, escolaridade, situação comunicativa, como irrelevantes para explicar a ocorrência deste fenômeno da língua, considerando-o como efeito da livre escolha do falante entre o uso de uma ou outra variante linguística. No entanto, com os estudos desenvolvidos por Labov, observou-se que alguns tipos de variação não poderiam ser denominados como livres, pois ocorrem especificamente sob efeito da interposição de fatores que, embora fora do sistema linguístico, exercem forte influência na “escolha” de uso de uma variante da língua.

[...] a rigor não há variação livre. Se não é o contexto linguístico que determina sempre o emprego de uma das formas, parece que sempre se interpõem fatores externos ou socioeconômicos para decidir qual delas deve ocorrer numa dada situação de fala. No exemplo da palavra *peruca*, basta uma análise superficial para se chegar a conclusão de que um dos fatores decisivos é a localidade: em Fortaleza, por exemplo, há uma tendência a que a palavra seja pronunciada como /peruka/. É claro, insistimos, que isto é uma análise superficial, desde que muitos outros fatores poderão intervir. Mas, em qualquer caso, deve-se abandonar a idéia de variação livre, em favor da hipótese de que toda variação linguística é condicionada por fatores estruturais e/ou por fatores sociais. (MONTEIRO 2000, p. 64)

Devido à existência destes vários aspectos sociais que condicionam a variação, os estudiosos da sociolinguística classificaram diversos fenômenos de variação linguística, relacionados aos aspectos sociais dos falantes, em subconjuntos de variação. Denominaram, por exemplo, de variação diatópica aquele conjunto de variação linguística condicionada pela localização ou origem geográfica

dos usuários de uma língua, variação esta observável nas chamadas variedades regionais. Como conceitua Preti (2000, p. 24, grifos do autor), “São aquelas que ocorrem num plano horizontal da língua, na concorrência das comunidades linguísticas, sendo responsáveis pelos chamados regionalismos, provenientes de *dialetos* ou *falares locais*”.

Além deste, há outro conjunto de variação, o qual foi denominado de variação diastrática. Neste conjunto de variação encontramos tipos de manifestações linguísticas fortemente influenciadas por aspectos sociais do falante correspondentes à idade, sexo, grau de instrução, situação econômica, dentre outros, como também pode estar ainda relacionada à própria situação comunicativa em que se faz o uso de uma ou outra variante linguística. Estas manifestações linguísticas são “influenciadas por fatores ligados diretamente ao falante (ou ao grupo a que pertence), ou à situação ou à ambos simultaneamente” (PRETI, 2000, p 26). A este último tipo de variação, determinada pela situação comunicativa, dá-se ainda outra designação, a de variação diafásica ou estilos de fala.

## **2.2 Variação e mudança**

Como se pode observar, língua e sociedade estão intimamente relacionadas. Como entidade social, a língua varia, e conseqüentemente, devido a essa variação, vai mudando ao longo do tempo e, assim como a sociedade que a utiliza, este sistema linguístico se transforma e evolui. É preciso compreender, no entanto, que nem sempre a variação linguística acarreta mudança linguística, pois como podemos observar, variação e mudança são processos linguísticos diferentes entre si, sendo o primeiro observado sob um aspecto mais sincrônico e, o segundo, sob um aspecto diacrônico.

A variação, por exemplo, ocorre quando duas ou mais manifestações linguísticas, que possuem a mesma equivalência comunicativa, disputam espaço dentro de um mesmo meio social e em um mesmo espaço de tempo. Para exemplificar, observemos, no caso da variação fonética, a coexistência de realizações linguísticas como [ˈfja] e [ˈtia], ambas correspondendo à pronúncia da palavra “tia”, ou ainda, a coexistência de pronúncia da palavra “palha” por [ˈpaɫa] e [ˈpaya]. Tais manifestações fazem parte de uma só língua, no caso a Língua Portuguesa, e existem num mesmo período de tempo (o atual), se apresentando

como formas linguísticas variantes, mas que no momento ainda não implicam mudança.

A mudança, por sua vez, realiza-se mediante a escolha social de uma manifestação linguística que, com passar do tempo, deixou de disputar espaço com outras manifestações equivalentes e que se tornou a melhor e única forma a ser usada nas várias situações comunicativas estabelecidas por uma determinada sociedade. Como exemplo, temos o caso da palavra “deixar” do PB que, como relata Bagno (2006, p. 194), em 1500 era pronunciada e escrita “leixar”, mas que depois de disputar tanto com a primeira, foi ao longo do tempo perdendo espaço e possibilitando a existência da forma “deixar” como a única forma “correta” de pronunciar e escrever tal vocábulo.

Como se pode notar, enquanto a variação é um processo constante, instantâneo, e está situada num dado momento da história de evolução da língua, a mudança em si, não ocorre de maneira instantânea, mas sim de forma lenta, gradual e contínua ao longo do tempo. Deste fato decorre, ainda, que a mudança apresenta-se como dependente da variação, uma vez que, para haver mudança faz-se necessário primeiramente a existência de elementos linguísticos concorrentes, isto é, que disputam um determinado espaço.

No entanto, faz-se necessário ressaltar que dizer que uma mudança pressupõe a variação não nos permite da mesma forma afirmar que o contrário seja verdadeiro. Como afirma Hora (2004, p. 27), ao citar os autores Weinreich, Labov e Herzog, por exemplo, “É importante colocar que nem sempre a variabilidade existente na língua se expande e produz mudanças: nem toda variabilidade e heterogeneidade da língua envolvem mudança, mas toda mudança envolve variabilidade e heterogeneidade”.

Nota-se a partir do que foi exposto que a variação, e, conseqüentemente, a mudança, são características intrínsecas à língua, já que se considera que tal sistema linguístico se apresenta como flexível e móvel capaz de acompanhar e expressar as mudanças e transformações da própria sociedade que o utiliza.

Porém, é preciso notar que estes dois fenômenos decorrentes destes aspectos da língua não são, na maioria dos casos, facilmente aceitáveis por parte dos seus usuários. Para comprovar tal ideia, faz-se necessário somente observar que na variação linguística ocorre o fenômeno de disputa entre duas ou mais variantes de um elemento linguístico que, embora sejam consideradas como

equivalentes, não ocupam o mesmo lugar de prestígio social, isto é, de aceitabilidade social.

Quanto à mudança, esta não ocorre rapidamente e de forma abrupta, justamente por causa da recusa que alguns usuários deixam transparecer quando, com o passar do tempo, se estabelece como variante a ser adotada socialmente como “correta” aquela que antes era desprovida de prestígio dentro da sociedade. Tais fenômenos, variação e mudança, são vistos pelos usuários da língua como uma espécie de ameaça, como deixa entender Bortoni-Ricardo (2005, p. 13), ao dizer que “Qualquer posição que coloque ou pareça colocar em risco a pureza e a propriedade do idioma pátrio será sempre recebida no mínimo com perplexidade, quando não com veemente resistência”.

Para a sociolinguística, no entanto, a presença de variação, e, conseqüentemente, de mudança é considerada como característica própria da língua, uma vez que esta mesma língua, como já bem enfatizado, servindo como veículo de comunicação de uma determinada sociedade, se apresenta com um caráter heterogêneo e flexível.

Esperança Carneira, apud Bagno (2007, p. 03), expõe tal ideia ao citar como exemplo da evolução da língua portuguesa, que

Contar a história do Português é mostrar as mudanças linguísticas que lhe foram dando forma. Que as línguas mudam, é uma evidência: as dificuldades que encontramos na leitura de textos medievais revelam-nos como o Português Antigo era diferente do que ouvimos, falamos e escrevemos actualmente. E embora a mudança linguística seja frequentemente vista como uma espécie de decadência por muitos falantes que resistem à inovação, assumindo uma atitude de defesa da “pureza” da língua supostamente ameaçada, seja por um qualquer acordo ortográfico, por um novo dicionário ou pela influência das telenovelas, a verdade é que se o Português não tivesse sofrido mudanças ainda falaríamos como Afonso Henriques.

Como se pode observar, a variação linguística não é um defeito da língua em uso e não ocorre de maneira aleatória e imotivada, pois sempre haverá um fator, seja linguístico ou não, que influencia na forma como são realizadas as diversas manifestações linguísticas sujeitas ao fenômeno de variação.

A variação pode acarretar mudanças que também não ocorrem aleatoriamente, mas segundo as necessidades comunicativas estabelecidas por determinada sociedade. O desconhecimento de tais aspectos da língua, no entanto, torna muitas vezes difícil a aceitação de variantes tidas como equivalentes. No caso da variação fonética, foco do presente estudo, esta é menos aceitável ainda, uma

vez que se apresenta na modalidade falada, modalidade esta já bastante estigmatizada, até mesmo por ser o plano de manifestação da língua em que mais facilmente se percebem a variação e a mudança.



### 3 METODOLOGIA

Para expor a metodologia adotada, de caráter qualitativo-quantitativo, faz necessária de início uma rápida apresentação do campo de pesquisa, ou seja, da cidade e dos informantes que serviram como alvo do presente estudo.

Segundo dados do histórico da cidade, que contém informações de acordo com o censo 2010, o município de São Luís do Piauí possui uma população de 2.561 habitantes e situa-se na região centro-sul piauiense, a aproximadamente 48 km de Picos, e a 358 km de Teresina. São Luís do Piauí tem seu marco inicial em torno da cultura religiosa, e tem como padroeiro São Luís Gonzaga sendo festejado em 21 de junho. Sua festa é considerada a maior atração do ano no município.

As atividades culturais e de lazer do município são as danças regionais, principalmente a quadrilha e o forró, a festa de aniversário da cidade e as manifestações religiosas. A economia do município é composta de pequenos produtores rurais que desenvolvem uma agricultura e pecuária de subsistência. Para o desenvolvimento das atividades agrícolas é utilizada a mão-de-obra familiar. A pecuária apresenta-se como a segunda atividade econômica com predominância caprinocultura. A população economicamente ativa, além dos agricultores é constituída por comerciantes e funcionários públicos.

Quanto ao sistema de educação do município, o mesmo tem se preocupado com o resultado do censo demográfico 2000/ IBGE, em que apresenta, mediante a população residente de 1.666, um número muito grande de analfabetos, chegando a atingir cerca de 755 pessoas, sendo que a taxa de 45,32% deste índice se constitui de pessoas na faixa etária de 15 anos ou mais.

Tal município, no entanto, tem procurado, em convênio com o Ministério da Educação e Departamento de Educação de Jovens e Adultos (DEJA), oferecer novas propostas de ensino, com o objetivo de criar meios que venham proporcionar a população um maior domínio dos instrumentos da cultura letrada, para que possam utilizá-los na vida diária ou mesmo prosseguir seus estudos, completando sua escolarização.

Para tal pesquisa foram escolhidos 12 informantes naturais da cidade de São Luís do Piauí- PI, dos quais 02 moram na sede da cidade e 10 moram em 04 diferentes povoados da zona rural. É importante ressaltar que para a presente pesquisa não foi dada ênfase a aspectos geográficos, destacando a diferença

rural/urbana, pelo fato de se ter observado que tal aspecto não se mostrou como fator relevante para a análise da variação fonética em estudo.

Foi constatado, de início, que as atividades desenvolvidas tanto no centro urbano quanto no rural são praticamente as mesmas, e que devido a isto o contato entre os habitantes destes dois espaços é muito frequente, sendo o dialeto dos habitantes da cidade comum a todos os habitantes desta região. Neste caso, se notou que, como diz Monteiro (2000, p.40) “[...] nem sempre há coincidência entre domínio de atuação de uma língua ou dialeto e os limites territoriais de uma nação ou região”.

Para a realização desta pesquisa, foram escolhidos dois grupos que caracterizam as duas faixas etárias que serviram de critério para a análise sociolinguística. Temos então um grupo de jovens com idade entre 18 e 25 anos, e um grupo de adultos com idade entre 35 e 50 anos. Tal escolha foi realizada por se acreditar que o fator idade se apresentaria como um dos possíveis fatores condicionantes de variação fonética. Como forma de uniformizar a pesquisa, selecionaram-se para a composição destes grupos 06 homens e 06 mulheres, que foram distribuídos uniformemente para cada faixa etária.

Para a coleta de dados, realizadas nos meses de junho e julho de 2014, foi aplicada uma entrevista, que foi gravada com o uso de um gravador digital. Foi aplicado também um questionário composto de 40 perguntas diretas, das quais 30 tinham como resposta palavras que apresentavam o fonema em estudo. A inclusão deste último método fez-se necessária devido à dificuldade encontrada em fazer com que os informantes realizassem livremente a quantidade de itens necessários. Pelo fato de não se sentirem tão confortáveis com a situação de entrevista, acabaram apresentando poucos dados por meio das conversas espontâneas.

Finalizada a fase de entrevistas, foram efetuadas as respectivas transcrições fonéticas das falas utilizando como base o Alfabeto Fonético Internacional, tendo sido transcritas dos diálogos e das respostas dadas ao questionário somente as palavras em que o fonema em estudo ocorreu. Após devidamente transcritas, foi efetuada a análise dos dados obtidos, que está exposta, por meio da utilização do método quantitativo no próximo capítulo.

É preciso ressaltar ainda que os dados quantificados e apresentados no capítulo seguinte foram organizados utilizando-se o método estatístico simples, já

que a quantidade de dados coletados para a pesquisa tornou desnecessária a utilização de programas computacionais.

Para validar os posicionamentos adotados e os achados da pesquisa, fez-se necessária à realização de um estudo bibliográfico baseado em teóricos, como: ARAGÃO (1999), BAGNO (2006, 2007), BORTONI-RICARDO (2005), CAGLIARI (1997), CALLOU E LEITE (2001), CARVALHO e NASCIMENTO (1971), HORA (2001), MONTEIRO (2005), PRETI (2000), QUADROS (1966), SILVA (2005), SILVEIRA (1986), TARALLO (1999) TEYSSIER (2011), além da leitura de trabalhos já realizados nestas áreas, como o trabalho de FERREIRA (2011).

#### 4 ANÁLISE DOS DADOS

Como exposto no capítulo anterior, foram utilizadas para a pesquisa 12 exemplares de entrevistas e de questionários dos quais foram extraídos e analisados 384 itens ao total, em que 192 foram coletados do grupo composto de 06 jovens (18-25 anos) e 192 do grupo de 06 adultos (35-50 anos). A partir da análise destes dados, extraíram-se 261 vocábulos que apresentaram variação do fonema em estudo, vocábulos estes organizados e agrupados em 05 subtipos diferentes de despalatalização.

Os subtipos de despalatalização encontrados foram, portanto, os abaixo ilustrados:

**Tabela 1:** Distribuição dos casos de despalatalização.

CASOS DE DESPALATALIZAÇÃO	FAIXA ETÁRIA			
	JOVENS	(%)	ADULTOS	(%)
Semivocalização [y]	66	34,3%	93	48,4%
Semivocalização [y] com apagamento da vogal seguinte	24	12,5%	34	17,7%
Despalatalização com apagamento do // [Ø]	35	18,2%	47	24,4%
Despalatalização com conservação do [l]	05	2,6%	05	2,6%
Despalatalização seguida de velarização [ʎ]	05	2,6%	05	2,6%
<b>TOTAL DE CASOS</b>	<b>111</b>		<b>150</b>	
Preservação do //	81	42,1%	42	21,8%
<b>TOTAL DE INTENS</b>	<b>192</b>		<b>192</b>	

Fonte: da autor, 2014.

Como se pode observar na tabela acima, a despalatalização do fonema // não é uniforme, visto que ocorreram diferentes tipos de processos fonéticos que constituem um desdobramento deste fenômeno, o que nos leva a inferir que o fenômeno em estudo ocorre em diferentes graus, a depender do contexto fonético e social em que se realiza.

Adiante, veremos que esses diferentes processos podem ter ocorrido devido à forte influência que as vogais seguintes exercem sobre a realização fonética do fonema //, fazendo com que o fenômeno de despalatalização ocorra de maneira mais acentuada em uns contextos que em outros.

Para melhor compreender a influência da vogal seguinte ao fonema /ʌ/, analisemos o quadro abaixo:

**Tabela 2:** Distribuição dos subtipos de despatalização por vogal seguinte.

VOGAIS SEGUINTE	CASOS DE DESPALATALIZAÇÃO											
	[y]		[y] [Ø] VS		[Ø]		[i]		[ɨ]		/ʌ/	
MÉDIA-BAIXA ANTERIOR /ɛ/	15	65,2%	00	0%	00	0%	01	4,3%	00	0%	07	30,4%
ALTA POSTERIOR /u/	62	60,1%	59	57,2%	00	0%	00	0%	10	9,7%	31	30%
ALTA ANTERIOR /i/	05	22,7%	05	22,7%	05	22,7%	00	0%	00	0%	12	54,5%
CENTRAL BAIXA /a/	64	34,7%	00	0%	71	38,5%	08	4,3%	00	0%	41	22,2%
MÉDIA-ALTA ANTERIOR /e/	07	25,9%	00	0%	05	18,5%	01	3,7%	00	0%	14	51,8%
MÉDIA-ALTA POSTERIOR /o/	01	12,5%	00	0%	02	25%	00	0%	00	0%	05	62,5%
MÉDIA-BAIXA POSTERIOR /ɔ/	00	0%	00	0%	04	23,5%	00	0%	00	0%	13	76,4%

Fonte: da autora. 2014.

#### 4.1 Semivocalização [y]

Analisando a tabela 2, podemos notar que, para o processo de semivocalização, a vogal /u/ se apresentou como um dos fonemas que mais influenciaram tal ocorrência. Esta vogal pode ter exercido forte influência por causa dos seus traços de posterioridade e altura, fazendo com que a variante [y] se manifestasse em praticamente todos os casos em que ela apareceu em posição seguinte ao fonema /ʌ/.

Assim sendo, ao analisarmos as transcrições das falas, poderemos ver que palavras como “trabalho” e “olho”, por exemplo, se manifestaram como [tra'bayu], ['oyu], ou ainda, como [tra'bay] e ['oy], sendo que, nestas duas últimas realizações, a semivocalização vem seguida do apagamento da vogal seguinte. Como estes últimos vocábulos, poderemos ver frequentemente que as palavras: “velho” ['vey],

“filho” [‘fiy], “galho” [‘gay], “vermelho” [veh’mey], apresentam a substituição do fonema /ʎ/ pela variante [y], com apagamento da vogal átona final /u/.

No que corresponde ao processo de apagamento da vogal seguinte, este pode ser motivado tanto pelo fato de ocorrer em sílaba átona como pela influência do fator morfológico gênero, fatores que favorecem o apagamento da vogal átona final /u/.

No que tange à presença das vogais anteriores /e/ e /i/, pode-se constatar que estas também favoreceram a semivocalização. As vogais /e/ e /i/ podem exercer influência por causa dos traços de altura e anterioridade, processo este visível nos casos dos vocábulos “colher” (verbo) [ku’ye], “colheita” [ku’yeyta], “trabalhei” [traba’yey] para a vogal /e/.

Para a vogal /ɛ/, propomos que ela possa favorecer a semivocalização, já que pode exercer influência por ser média baixa. Quanto ao índice de ocorrências, que nos surpreendeu, já que ultrapassou as ocorrências diante de vogal /u/, notou-se que este se deve ao grande número de realizações dos vocábulos “mulher” [mu’yɛ] e “colher” (substantivo) [ku’yɛ].

Quanto à vogal /a/, esta pode ter influenciado a ocorrência da semivocalização por causa do seu traço de altura. Pelo fato de ser baixa, esperava-se que ela propiciasse o apagamento. No entanto, outros fatores, como tonicidade podem interferir no sentido de evitar o zero fonético [∅] e favorecer a semivocalização. Logo, vocábulos como “trabalhar”, “palha”, “coalhada” e “debulhar” foram frequentemente produzidos como [traba’ya], [‘paya], [kwa’yada] e [disbu’ya], respectivamente.

#### **4.2 Semivocalização [y] com apagamento da vogal seguinte ([y] [∅] VS)**

Para este processo, notou-se que tais ocorrências foram frequentes quando o fonema em estudo veio seguido das vogais /u/ e /i/. Deste fato decorre que, sendo a vogal /u/ favorável ao processo de despalatalização, o fonema /ʎ/ se despalatalizou sendo substituído pela semivogal [y], como nos vocábulos “trabalho” [tra’bay], “olho” [‘oy], “filho” [‘fiy].

Para a vogal /i/, acreditamos que tal processo tenha ocorrido por interferência da sílaba átona, que, diferentemente da sílaba tônica, possibilita a ocorrência de alterações, como a despalatalização. Assim sendo, temos “colhe” [‘kɔy] e “escolhe”

[is'kɔj], em que a semivocalização veio frequentemente seguida do apagamento da vogal seguinte /i/.

Quanto ao processo de apagamento da vogal seguinte, como já mencionado anteriormente, este pode ser motivado tanto pelo fato de ocorrer em sílaba átona como pela influência do fator morfológico gênero, em que o gênero masculino, por ser forma não marcada em português, favorece o apagamento das vogais átonas finais /u/ e /i/.

### 4.3 Despalatalização seguida de apagamento do fonema /ʎ/ [Ø]

O terceiro processo fonético mais produtivo na fala dos informantes foi o processo de apagamento do fonema /ʎ/, representado pelo zero fonético [Ø]. Para este processo, veremos que o traço de altura da vogal /a/ fez com que o fonema /ʎ/ fosse totalmente apagado. Como exemplo, temos as palavras “trabalhar” [traba'a], “trabalhava” [traba'ava], “trabalhasse” [traba'asi], ou ainda outros casos como “abelha” [a'bea], “ovelha” [u'vea], “filha” [fia] e “velha” [vɛa]. Tais ocorrências mostram que a vogal /a/ favorece a despalatalização, mesmo que essa despalatalização seja em nível mais acentuado, no caso do apagamento, ou menos acentuado, como no caso da semivocalização vista anteriormente.

Além destes casos, observamos a ocorrência de apagamento nos vocábulos “melhor” [mi'ɔ], “melhorou” [mio'ro], “bilhete” [bi'etʃi] e “trabalhei” [traba'ey], que, embora tenham ocorrido em menores proporções, demonstraram que as vogais /ɔ/, /o/ e /e/ também permitem a despalatalização, no entanto em menores proporções. Quanto às vogais /ɛ/ e /u/, notou-se que, para este processo, as mesmas são inibidoras de tal ocorrência.

Para a vogal /i/ seguinte, como nos casos da palavra “escolhia” [isku'ia], propomos que tenha ocorrido o processo de assimilação da vogal /i/ pelo fonema /ʎ/. Assim sendo, ao ocorrer tal processo de assimilação, teremos como resultado a ocorrência de um só segmento, a semivogal [y] ou, para este caso, a conservação da vogal alta /i/.

### 4.4 Despalatalização com conservação do [ʎ]

O processo de despalatalização com conservação do [ʎ], apresentou-se, em maior parte dos casos, quando o fonema /ʎ/ veio seguido da vogal /a/. Tal processo

foi frequente, por exemplo, para a ocorrência de “pilha” [ˈpila]. É preciso ressaltar que este caso requer mais atenção. A possibilidade de haver a conservação do [l], neste contexto, pode indicar que há uma relação de forças entre a influência da vogal subsequente /a/ e a vogal precedente /i/, em que o traço de altura da vogal /i/ acaba por favorecer a ocorrência de [l]. Além deste fator, observamos uma possível influência lexical, que será vista em um tópico adiante.

Quanto à presença das demais vogais, /e/ e /ɛ/, observou-se a ocorrência de dois casos, o da palavra “colher” (verbo) [koˈle] e da palavra “mulher” [muˈle], as quais foram realizadas uma só vez cada uma. Neste caso, acreditamos que, pelo fato de pertencerem à sílaba tônica, este fator acaba por inibir alterações mais profundas conservando assim o [l].

#### **4.5 Despalatalização seguida de velarização [ɫ]**

Como último caso, temos o processo de despalatalização seguida de velarização, onde o fonema /ʎ/ foi frequentemente substituído pela lateral alveolar velarizada [ɫ]. Neste caso, notou-se como possível fator condicionador a presença da vogal posterior /u/ no contexto subsequente e precedente. Podemos considerar que tal processo se deve à forte influência que o traço de posterioridade da vogal /u/ exerce sobre o fonema /ʎ/ fazendo com que este se realize por meio da sua variante velarizada [ɫ], que, por sua vez, também é posterior. Como exemplos, temos “julho” [ˈʒuɫ].

#### **4.6 Preservação do fonema /ʎ/**

Por fim, houve ainda a preservação do fonema /ʎ/ representado pela sua variante [ʎ]. Para tal ocorrência, constatou-se que além dos fatores linguísticos, como a presença, pode ter havido ainda a influência da tonicidade da sílaba ou mesmo de variáveis sociais. Tais variáveis podem ter exercido influência sobre a conservação do fonema /ʎ/ diante de /o/ e /ɔ/, que na nossa pesquisa apresentaram incoerências quanto as suas ocorrências, já que se esperava que houvesse em maior parte dos casos a despalatalização, tendo em vista a influência do traço de posterioridade.

É importante ressaltar que tal preservação da variante /ʎ/ pode ser ainda resultado da ação de monitoramento por parte dos informantes, uma vez que ao se



depararem com a situação de entrevista, tendem a falar de maneira mais cuidada gerando assim a conservação do fonema /ʎ/. Tal inconveniente é resultado, portanto, do que expõe Tarallo (1999), da presença do pesquisador e do aparelho gravador.

#### 4.7 Condicionamento externo: a influência da variável social idade

Como se pôde observar, os fenômenos de despalatalização ocorreram devido à forte influência que os traços articulatorios das vogais seguintes acabaram exercendo sobre a realização do fonema /ʎ/. No entanto, durante a análise dos dados, foi possível perceber que fatores extralinguísticos ou sociais também se apresentaram como condicionantes de variação.

Nesta pesquisa, observou-se que a variável idade foi favorável para a ocorrência de maior parte dos processos de despalatalização. Para compreender a influência desta variável social, vejamos a tabela abaixo:

**Tabela 3:** Distribuição dos subtipos de despalatalização por faixa etária.

CASOS DE DESPALATALIZAÇÃO	FAIXA ETÁRIA			
	JOVENS	(%)	ADULTOS	(%)
Semivocalização [y]	61	31,6%	88	45,8%
Semivocalização [y] VS [Ø]	24	12,4%	34	17,7%
Apagamento [Ø]	40	20,7%	52	27,0%
Conservação do [ʎ]	05	2,5%	05	2,6%
Velarização [ʎ]	05	2,5%	05	2,6%
Preservação do /ʎ/	82	42,4%	42	21,8%
<b>TOTAL DE INTENS</b>	<b>192</b>		<b>192</b>	

Fonte: da autora. 2014.

De acordo com a tabela acima, algumas diferenças podem ser apontadas como indícios de que a variável idade estabelece algum tipo de influência sobre a realização da despalatalização. Pudemos observar que a tendência de preservação do fonema /ʎ/ é bem mais frequente para o grupo de jovens que para os adultos, já que aqueles apresentaram 42, 4% de ocorrência de preservação da variante [ʎ], o que representa quase o dobro de realizações em relação aos adultos.

Notou-se ainda que esta preferência pela variante de prestígio, por parte dos jovens, pode estar ainda relacionada à variável social escolaridade, uma vez que se verificou, na amostra, que a maioria dos informantes da faixa etária jovem apresenta um nível mais elevado de instrução. Deste fato, decorre que, tendo em vista que os jovens têm mais fácil acesso à escola que os adultos, tais informantes acabam preservando a realização do fonema /ʌ/ por causa da maior utilização desta variante de prestígio e, possivelmente, pela imposição que esta variável social pode acabar exercendo sobre estes falantes.

Quanto à influência da variável idade, notamos ainda que, embora tenha influenciado a ocorrência de maior parte dos casos de despalatalização na faixa etária adulto, esta variável não interferiu na realização da variação do fonema /ʌ/ pelas variantes [l] e [ʃ]. Supomos que para estes casos, tenha prevalecido a influência do contexto linguístico, já que se observou que realizações como [ˈpila] “pilha” e [ˈʒuʃ] “julho” foram frequentes tanto para os adultos quanto para os jovens.

Para a variável sexo, embora a mesma não tenha sido elencada para a realização desta pesquisa, constatamos, por meio da amostra colhida, que as realizações fonéticas do fonema /ʌ/ não sofreram o condicionamento desta variável. Tal posicionamento pode ser reforçado e condizente com aquilo que afirma Paiva (2004, p.33) ao dizer que “As diferenças mais evidentes entre a fala de homens e mulheres se situam no plano lexical”.

#### **4.8 Outras motivações**

Durante a análise dos dados, foi possível observar que outros fatores se mostraram relevantes para a ocorrência do fenômeno de despalatalização. Um dos primeiros fatores corresponde à tendência que a vogal precedente possui de exercer influência, assim como a vogal seguinte, sobre a ocorrência dos diferentes processos de despalatalização encontrados na pesquisa.

Sendo assim, temos, por exemplo, nos casos de despalatalização com conservação do [l], a possível imposição que o traço de altura da vogal alta /i/ exerce sobre a manifestação do fonema /ʌ/ diante de vogal /a/ seguinte. Neste caso, sugerimos que a influência da vogal precedente /i/ se sobrepõe e inibe o apagamento ou semivocalização favorecido por /a/. Tal posicionamento foi tomado, já que se observou que a conservação do [l] foi realizada quando apareciam como

vogal precedente à vogal /i/ e como seguinte à vogal /a/, como no vocábulo “pilha” [ˈpila].

Veremos que, além deste, o componente lexical pode agir como condicionante da despalatalização. Assim sendo, a ocorrência de [ˈpila] “pilha” com conservação do [l] inibindo o apagamento da palatal ocorre, talvez, devido à necessidade de opor tal palavra à outra existente como, por exemplo, o caso da palavra “pia”, que resultaria do apagamento /ʎ/ em [ˈpiʎa] “pilha”.

A constatação de que o condicionante lexical pode interferir nos processos de despalatalização se faz relevante, já que se observou que em outros casos como dos vocábulos “filha” [ˈfia] e “afilhado” [afiˈadu], contendo a vogal /i/ como precedente e /a/ seguinte, o apagamento acabou sendo possível, já que a conservação de [l] em [ˈfia] e [afiˈadu] geraria outras palavras, como “fila” e “afilado”.

Como outro fator condicionante, encontramos a influência morfológica, ou seja, em palavras terminadas em –a, que constitui marca de gênero feminino, o apagamento recai sobre a consoante /ʎ/, já que o –a cumpre uma função gramatical, como “velha” [vɛa] e “filha” [ˈfia]. Já para as formas de masculino, forma não marcada, o apagamento recai sobre a vogal –o, uma vez que ela não é dotada de função na gramática, a exemplo de “velho” [ˈvɛy] e “filho” [ˈfiy]. Partindo deste ponto, podemos compreender que tal fator também influencia a ocorrência de diferentes processos de despalatalização como o de semivocalização e apagamento.

Além destes fatores condicionantes, notou-se a influência exercida pela tonicidade da sílaba, que, pelo fato de inibir a ocorrência de alterações, se mostrou relevante para parte dos casos de preservação da variante [ʎ]. Assim sendo, nos casos em que se observou incoerência quanto a maior preservação de /ʎ/ diante de /o/ e /ɔ/, que são tidas como favoráveis ao processo de despalatalização, notou-se que, pelo fato de estas vogais pertencerem às sílabas tônicas em palavras como “melhor” [mɛˈʎɔ] e “filhote” [fiˈʎɔtʃi] a preservação da variante [ʎ] pode ser resultado desta interferência de tonicidade.

Para finalizar, faz-se necessário ressaltar que o fenômeno de despalatalização, de modo geral, pode ter ocorrido devido à obediência a uma lei fonética denominada, como expõe Quadros (1966), “Lei do menor esforço”, que reforça a ideia de que a troca da consoante palatal por suas respectivas variantes dá-se pelo relaxamento de pronúncia de alguns vocábulos, onde a presença do /ʎ/

se mostra muitas vezes incômoda por causa da dificuldade de articulação frente a articulação dos demais elementos que o acompanham.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pôde observar, o fenômeno de despalatalização foi frequente na fala dos informantes desta pesquisa. Notou-se que tal fenômeno não ocorre de maneira simples, como julgam alguns autores, por exemplo, Bagno (2006), interpretando Lausberg (1981), afirma que a despalatalização é a simplificação do fonema /ʎ/. Assim, percebemos que na presente pesquisa houve a ocorrência de cinco subtipos de processos originados deste fenômeno que se mostraram diferentes entre si.

Tal ocorrência pode ser explicada pela forte influência que as vogais em contexto seguinte exerceram sobre a realização fonética do fonema /ʎ/. Nesta pesquisa constatou-se que: a vogal /a/ favoreceu o apagamento e as vogais /u/ e /ɛ/ favoreceram a semivocalização. Quanto à presença de /o/ e /ɔ/, estas apresentaram resultados inesperados, pois favoreceram a preservação do /ʎ/, o que nos faz propor que houve interferência de variáveis sociais.

No que tange à variável social, verificou-se que a variável idade se apresenta como fator condicionante do processo de variação fonética, uma vez que se notou que os jovens tendem a utilizar com mais frequência a variante de prestígio [ʎ] que os adultos, que tendem a despalatalizar tal fonema. Constatou-se ainda que tal preferência pode ser resultado do possível condicionamento da variável escolaridade, já que os jovens, na sua maioria, apresentaram um nível mais elevado de escolarização que os adultos.

No entanto, foi possível observar que tal variável social, embora tenha exercido influência em maior parte dos casos apresentados, não interferiu na ocorrência de dois dos subtipos de despalatalização, o processo de conservação do [ʎ] e de velarização [ʎ̠]. Para estes casos, propomos que o condicionamento interno, pode ter exercido mais influência que o externo.

Mediante os achados da pesquisa, acreditamos que, além dos fatores acima citados, pode haver, para os casos de despalatalização ou conservação do fonema /ʎ/, a interferência de outros fatores condicionantes como o morfológico, o condicionante lexical e a tonicidade, constituindo o conjunto de fatores internos.

Para os fatores externos, propomos que a preservação do fonema /ʎ/ pode ser consequência da ação de monitoramento por causa da situação de fala, isto é, pelo fato de caracterizar uma entrevista.

Como pudemos ver ao longo do trabalho, motivações linguísticas e extralinguísticas sempre estão por trás destas manifestações fonéticas. Portanto, podemos constatar que tal ocorrência de variação pode ser considerada com algo inerente à fala dos informantes pertencentes à cidade de São Luís do Piauí – PI.

Por fim, espera-se que este trabalho contribua de maneira significativa para a ampliação de estudos existentes acerca deste fenômeno, para a quebra de pensamentos preconceituosos quanto à ocorrência desta variação, sobretudo, como base para trabalhos futuros que possam vir a ser realizados na região.

## REFERÊNCIAS

- ALI, M. Said. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 8 ed. rev. e atual. São Paulo: Companhia Melhoramentos: Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **A despalatalização e conseqüente iotização no falar de fortaleza**. Disponível em: <<http://www.profala.ufc.br/Trabalho1.pdf>>. Acesso em: 02/02/2014.
- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. 15 ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Gramática histórica do latim ao português**. Brasília: 2007.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós Chegemos na escola, e agora?** São Paulo: Parábola, 2005.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Análise fonológica: introdução à teoria e prática, com especial destaque para o modelo fonêmico**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.
- CALLOU, Dina. LEITE, Yonne. **Iniciação à Fonética e à Fonologia**. 8 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dicionário de Linguística e gramática: referente à língua portuguesa**. 12 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.
- CARVALHO, Dolores Garcia. NASCIMENTO, Manoel. **Gramática Histórica**. 7 ed. 1971.
- FERREIRA, Milena Machado. **A variação da lateral palatal segundo transcrições do banco de dados Varsul**. 2011 (Dissertação de Mestrado em Teoria e análise Linguística)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em:< <http://hdl.handle.net/10183/49688> >. Acesso em: 02/02/2014.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- HORA, Demerval da. (Org.) **Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade**. João Pessoa: 2004.
- MARTINS, Nilce Sant' Anna. **Introdução à Estilística: a expressividade na língua portuguesa**. 3 ed. rev. e aum. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

PAIVA, Maria da Conceição de. **A variável gênero/sexo**. In: MOLLICA, Maria Cecília, BRAGA, Maria Luiza. (Orgs). **Introdução À Sociolinguística: o tratamento da variação**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

PEREIRA, Eduardo Carlos. **Grammatica Histórica**. 9 ed. São Paulo: Nacional, 1935.

PRETI, Dino. **Sociolinguística: os níveis de fala**. 9 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

QUADROS, Jânio. **Curso prático da língua portuguesa e sua literatura**. 1 ed. São Paulo: Formar, 1966.

SILVA, Thais Cristófaru. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2005.

SILVA, Vera Lúcia Paredes da. **Relevância das variáveis linguísticas**. In: MOLLICA, Maria Cecília, BRAGA, Maria Luiza. (Orgs). **Introdução À Sociolinguística: o tratamento da variação**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SILVEIRA, Regina Célia Pagliuchi da. **Estudos de fonologia portuguesa**. São Paulo: Cortez, 1986.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 6 ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.



# APÊNDICES

## APÊNDICE A: corpus de análise

### ENTREVISTA

Escrita ortográfica / Transcrição Fonética

Colher (verbo)	[ku'ye]	Aconselha	[akõ'seɫa]
Mulher	[mu'yɛ]	Escolher	[isku'ɫɛ]
Trabalhei	[traba'yey]	Pilha	['pila]
Trabalha	[traba'ya]	Aparelho	[apa'rey]
Filho	['fiy]	Telha	['tea]
Velho	['vɛy]	Melhorou	[meɫo'row]
Trabalha	[tra'baya]	Melhor	[me'ɫɔ]
Milho	['miy]	Orgulho	[ɔh'guɫu]
Filha	['fia]		

### QUESTIONÁRIO

Escrita ortográfica / Transcrição Fonética

Debulhar	[dis'buya]	Braguilha	[bar'gia]
Orelha	[u'rea]	Palha	['paɫa]
Julho	['ʒuɫ]	Colhe	['kɔɫi]
Molho	['moy]	Velha	['vɛɫa]
Olhos	['ɔɫus]	Vermelho	[veh'meɫu]
Abelha	[a'beɫa]	Ovelha	[u'veɫa]
Galho	['gaɫu]	Coalhada	[kwa'ɫada]
Afilhado	[afi'ɫadu]	Agulha	[a'guɫa]
Filhote	[fi'ɫɔtʃi]	Trabalham	[tra'baɫãw]
Folha	['foɫa]	Colher (subs.)	[ku'ɫɛ]

## ENTREVISTA

Escrita ortográfica / Transcrição Fonética

Trabalhar	[traba'ya]	Escolher	[isku'le]
Trabalhei	[traba'ey]	Escolhe	[is'kɔy]
Mulher	[mu'yɛ]	Aparelho	[apa'rey]
Filha	['fia]	Pilha	['pila]
Filho	['fiy]	Melhorou	[mi'oro]
Velho	['vɛy]	Orgulho	[ɔh'guɫu]
Trabalho	[tra'bay]		

## QUESTIONÁRIO

Escrita ortográfica / Transcrição Fonética

Debulhar	[disbu'ya]	Folha	['foya]
Orelha	[u'rea]	Braguilha	[bar'gia]
Julho	['ʒuɫ]	Palha	['paya]
Molho	['moɫu]	Recolhe	[hɛ'kɔli]
Abelha	[a'bea]	Coalhada	[kwa'yada]
Galho	['gay]	Bilhete	[bi'ɫɛtʃi]
Afilhado	[afi'adu]	Colher (subs.)	[ku'ɫɛ]
Filhote	[fi'ɫɔtʃi]		

## ENTREVISTA

Escrita ortográfica / Transcrição Fonética

Trabalhava	[traba'yava]	Telha	['teɫa]
Mulher	[mu'yɛ]	Melhor	[mɛ'ɫɔ]
Trabalha	[tra'baɫa]	Velho	['vɛy]
Milho	['miy]	Melhorou	[meɫo'row]
Colher (verbo)	[ku'le]		

## QUESTIONÁRIO

Escrita ortográfica / Transcrição Fonética

Debulhar	[dis'buya]	Conselho	['kɔɫɛy]
Orelha	[u'rea]	Colhe	['kɔɫi]
Julho	['ʒuɫu]	Velha	['vɛɫa]
Olho	['oɫu]	Vermelha	[veh'meɫa]
Molho	['moy]	Ovelha	[u'vea]
Abelha	[a'beɫa]	Coalhada	[kwa'ɫada]
Afilhado	[afi'ɫadu]	Agulha	[a'guɫa]
Filho	['fiɫu]	Bilhete	[bi'ɫetʃi]
Folha	['foɫa]	Pilha	['piɫa]
Braguilha	[bar'gia]	Colher (subs.)	[ku'ɫɛ]
Palha	['paɫa]		

## ENTREVISTA

Escrita ortográfica / Transcrição Fonética

Mulher	[mu'yɛ]	Filho	['fiy]
Trabalhar	[traba'ya]	Aconselhava	[akõ'seyava]
Milho	['miy]	Escolhe	[is'kɔy]
Ovelha	[u'vea]	Telha	['tea]
Coalhada	[kwa'yada]	Milho	[mi'ɔ]
Colher (verbo)	[ku'ye]	Orgulho	[ɔh'guɫu]
Retalho	[heta'y]		

## QUESTIONÁRIO

Escrita ortográfica / Transcrição Fonética

Debulhar	[dihbu'ya]	Palha	['paya]
Orelha	[u'rea]	Colhe	['kɔy]
Olho	['ɔy]	Velha	['vɛa]
Molho	['moy]	Vermelho	[veh'mey]
Julho	['ʒuɫ]	Agulha	[a'guya]
Abelha	[a'bea]	Pilha	['pila]
Afilhado	[afi'ladu]	Trabalha	[tra'baya]
Filhote	[fi'ɫɔtʃi]	Colher (subs.)	[ku'ye]

## ENTREVISTA

Escrita ortográfica / Transcrição Fonética

Trabalha	[traba'ya]	Velho	['vey]
Milho	['miy]	Palha	['paya]
Ovelha	[u'vea]	Aconselhado	[akõse'ladu]
Trabalho	[tra'bay]	Filha	['fia]
Mulher	[mu'yε]	Velha	['vea]
Filho	['fiy]	Escolher	[isku'λε]
Olho	['oy]	Pilha	['piʎa]
Escolhia	[isku'ia]	Telha	['tea]
Colheita	[ku'leyta]	Melhor	[mε'ʎo]
Retalho	[hε'taʎu]	Trabalhado	[traba'adu]

## QUESTIONÁRIO

Escrita ortográfica / Transcrição Fonética

Debulhar	[disbu'ya]	Afilhado	[afi'adu]
Orelha	[u'rea]	Braguilha	[bar'gia]
Julho	['ʒuʎ]	Conselho	[kõ'seʎu]
Olho	['oy]	Colhe	['kõʎi]
Molho	['moʎu]	Vermelho	[veh'meʎu]
Abelha	[a'beʎa]	Coalhada	[kwa'lada]
Folha	['foʎa]	Agulha	[a'guʎa]
Galho	['gaʎu]	Bilhete	[bi'ʎetʃi]
Filhote	[fi'ʎotʃi]	Colher (subst.)	[ku'λε]

## ENTREVISTA

Escrita ortográfica / Transcrição Fonética

Milho	[ˈmiy]	Escolhia	[iskuˈia]
Trabalha	[trabaˈya]	Pilha	[ˈpila]
Ovelha	[uˈvea]	Telha	[ˈtea]
Colhe	[ˈkɔli]	Folha	[ˈfoya]
Aconselhava	[akõseˈlava]	Melhorou	[meˈloˈro]
Aconselha	[akõˈseˈla]		

## QUESTIONÁRIO

Escrita ortográfica / Transcrição Fonética

Debulhar	[dihbuˈya]	Palha	[ˈpaya]
Orelha	[uˈrea]	Colhe	[ˈkɔli]
Julho	[ˈʒuɫ]	Velha	[ˈveˈla]
Olhos	[ˈɔlus]	Vermelha	[vehˈmeˈla]
Molho	[ˈmoˈlu]	Mulher	[muˈʎe]
Abelha	[aˈbeˈla]	Coalhada	[kwaˈyada]
Galho	[ˈgaˈlu]	Agulha	[aˈguˈla]
Filhote	[fiˈʎɔtʃi]	Bilhete	[biˈetʃi]
Afilhado	[afiˈadu]	Melhor	[meˈʎɔ]
Filho	[ˈfiˈlu]	Colher (subs.)	[kuˈʎe]
Braguilha	[barˈgia]		

## ENTREVISTA

Escrita ortográfica / Transcrição Fonética

Trabalho	[traba'yɯ]	Velho	['vɛy]
Trabalhava	[traba'yava]	Retalho	[hɛ'tay]
Mulher	[mu'yɛ]	Filha	['fia]
Colher (verbo)	[ku'le]	Filho	['fiy]
Colheu	[ku'lew]	Conselho	[kũ'sey]
Milho	['miy]	Telha	['tea]
Colheita	[ku'leyta]	Orgulho	[ɔŋguɮu]

## QUESTIONÁRIO

Escrita ortográfica / Transcrição Fonética

Retalhar	[hɛta'ya]	Palha	['paya]
Retalha	[hɛ'taya]	Colhe	['kɔli]
Debulhar	[disbu'ya]	Velha	['vɛa]
Orelha	[u'rea]	Vermelha	[veh'meɮa]
Julho	['ʒuɮu]	Ovelha	[u'vea]
Olho	['oɮu]	Escolhe	[es'kɔli]
Molho	['moɮu]	Coalhada	[kwa'yada]
Abelha	[a'beɮa]	Agulha	[a'guɮa]
Galho	['gay]	Bilhete	[bi'ɮetʃi]
Filhote	[fi'ɮɔtʃi]	Pilha	['pila]
Afilhado	[afi'adu]	Trabalhar	[traba'ya]
Braguilha	[bar'gia]	Colher (subst.)	[ku'ɮɛ]



## ENTREVISTA

Escrita ortográfica / Transcrição Fonética

Mulher	[mu'ɛ]	Aconselha	[akõse'a]
Velho	['vɛy]	Filho	['fiy]
Trabalhar	[traba'a]	Escolhia	[isku'ia]
Milho	['miy]	Pilha	['pila]
Trabalha	[tra'baya]	Trabalho	[tra'bay]
Colher (verbo)	[ku'ye]	Colherzinha	[kuyɛ'zĩa]
Retalho	[hɛ'tay]	Telha	['tea]
Palha	['paya]	Folha	['foya]
Aconselhava	[akõse'ava]	Melhorou	[mio'ro]

## QUESTIONÁRIO

Escrita ortográfica / Transcrição Fonética

Debulhar	[disbu'ya]	Braguilha	[bar'gia]
Orelha	[u'rea]	Colhe	['kõy]
Julho	['ʒuɫ]	Velha	['vɛa]
Olho	['õy]	Vermelha	[veh'mea]
Molho	['mõy]	Ovelha	[u'vea]
Abelha	[a'bea]	Coalhada	[kwa'yada]
Galho	['gay]	Agulha	[a'guya]
Afilhado	[afi'adu]	Colher (subs.)	[ku'yɛ]

## ENTREVISTA

Escrita ortográfica / Transcrição Fonética

Mulher	[mu'yɛ]	Escolhia	[isku'ia]
Milho	['miy]	Pilha	['pila]
Palha	['paya]	Bilhete	[bi'etʃi]
Coalhada	[kway'ada]	Orelhão	[ure'lãw]
Colha	['koya]	Colher (verbo)	[ku'yɛ]
Molho	['moy]	Telha	['tea]
Galho	['gay]	Ladrilho	[la'driy]
Agulha	[agu'ya]	Melhorou	[mi'lo'ro]
Retalho	[hɛ'tay]	Filho	['fiy]
Velho	['vɛy]	Orgulho	[ɔh'guɫu]
Olhar	[ɔ'ya]	Trabalha	[tra'baya]
Aconselhava	[akõse'ava]		

## QUESTIONÁRIO

Escrita ortográfica / Transcrição Fonética

Abelha	[a'bea]
Orelha	[u'rea]
Olho	['oyu]
Julho	['ʒuʔ]
Afilhado	[afi'adu]
Filhote	[fi'ɔʔʃi]

## ENTREVISTA

Escrita ortográfica / Transcrição Fonética

Trabalho	[tra'bay]
Velho	['vɛy]
Mulher	[mu'yɛ]
Trabalhava	[traba'yava]
Milho	['miy]
Colheita	[ku'leyta]
Palha	['paya]
Aconselhava	[akõse'lava]
Conselho	[kõ'sey]
Escolher	[isku'ye]
Telha	['tea]
Orgulho	[ɔf'guɫu]

## QUESTIONÁRIO

Escrita ortográfica / Transcrição Fonética

Debulhava	[disbu'yava]	Afilhado	[afi'adu]
Debulhar	[disbu'ya]	Braguilha	[bar'gia]
Orelha	[u'rea]	Colhe	['kɔli]
Julho	['ʒuɫ]	Velha	['vɛa]
Olho	['oɫu]	Vermelho	[veh'meɫa]
Molho	['moy]	Coalhada	[kwa'yada]
Abelha	[a'bea]	Agulha	[a'guya]
Folha	['foya]	Trabalhar	[traba'ya]
Filhote	[fi'ɫɔtʃi]		

## ENTREVISTA

Escrita ortográfica / Transcrição Fonética

Mulher	[mu'yɛ]	Escolhido	[isku'lidu]
Ovelha	[u'vea]	Pilha	['piʎa]
Coalhada	[kwa'yada]	Bilhete	[bi'ʎetʃi]
Trabalho	[tra'bay]	Telha	['teʎa]
Colhia	[ku'ʎia]	Milho	['miy]
Agulha	[a'guya]	Palha	['paya]
Trabalhoso	[traba'yozu]		

## QUESTIONÁRIO

Escrita ortográfica / Transcrição Fonética

Retalhar	[hɛta'ya]	Julho	['ʒuʔ]
Debulhar	[disbu'ya]	Galho	['gaʎu]
Abelha	[a'bea]	Afilhado	[afi'adu]
Molho	['moʎu]	Filhote	[fi'ʎotʃi]
Orelha	[u'rea]	Melhor	[mɛ'ʎo]
Olho	['oyu]	Ladrilho	[la'driy]

## ENTREVISTA

Escrita ortográfica / Transcrição Fonética

Filho	[ˈfiy]
Mulher	[muˈyɛ]
Milho	[ˈmiy]
Colher (verbo)	[kuˈʎe]
Aconselha	[akõseˈa]
Escolheu	[iskuˈyew]
Pilha	[ˈpila]
Milho	[miˈo]

## QUESTIONÁRIO

Escrita ortográfica / Transcrição Fonética

Debulha	[disˈbuya]		
Orelha	[uˈrea]	Colheita	[koˈeyta]
Julho	[ˈʒuʔ]	Colhe	[ˈkɔʎi]
Olho	[ˈoy]	Velha	[ˈvɛa]
Molho	[ˈmoy]	Vermelho	[vehˈmey]
Abelha	[aˈbea]	Ovelha	[uˈvea]
Folha	[ˈfoya]	Escolhe	[isˈkɔy]
Galho	[ˈgaʎu]	Escolhia	[iskuˈia]
Filhote	[fiˈʎotʃi]	Colher (subs.)	[kuˈʎe]
Afilhado	[afiˈadu]	Trabalhar	[trabaˈya]
Braguilha	[barˈgia]	Bilhete	[biˈʎetʃi]
Conselho	[kõˈseʎu]	Agulha	[aˈguya]
Palha	[ˈpaya]	Coalhada	[kwaˈyada]

**APÊNDICE B:** questionário utilizado para a coleta de dados.

1. O que se costuma fazer com a carne antes de salga-la e colocá-la ao sol?

**RETALHAR**

2. Antigamente, em que recipiente as pessoas colocavam a água que era utilizada para beber? **POTE**

3. O que as pessoas daqui costumam fazer com o feijão em bajem para poder consumir ou guardar? **DEBULHAR**

4. O que as pessoas usavam antigamente para levar água de um lugar bem longe para outro? **ANCAS**

5. Onde as mulheres costumam usar brincos? **ORELHA**

6. Depois do mês de janeiro vem o mês de? E depois de junho?

**FEVEREIRO; JULHO.**

7. Onde a mulher costuma usar batom? **LÁBIOS**

8. Onde se usa o colírio? **OLHOS**

9. Antes de enxaguar as roupas, as mulheres costumam colocá-las de? **MOLHO**

10. Como se chamavam chinelos antigamente? **APRACATAS**

11. Como se chama aquele pequeno animalzinho que produz mel? **ABELHA**

12. O que é que encontramos no caderno e que tem o mesmo nome de uma parte da planta? **FOLHA**

13. Quando alguém ajuda outra pessoa, costuma-se usar o dito popular conhecido como “vou te quebrar esse...”? **GALHO**

14. Quando os animais procriam, costuma-se dizer que eles tiveram? **FILHOTES**

15. Responda: Se Maria é comadre de João, o que que o filho de Maria é de João?

**AFILHADO**

16. Onde usamos os anéis? **DEDOS**

17. Responda: Se Joana e Pedro são pais de Joaquim, o que que Joaquim é de Joana e Pedro? **FILHO**

18. Como chamamos aquela pequena abertura feita em calças, femininas ou masculinas, e que para fechar utilizamos zíperes ou botões? **BRAGUILHA**

19. Complete o dito popular: “Se \_\_\_\_\_ fosse bom, a gente não dava, vendia.”

**CONSELHO**

20. De que são feitos os chapéus que se costumam usar para ir à roça? **PALHA**

21. Como se chama aquela bolsa feita manualmente e que é usada em dias de caça? **CAPANGA**

22. Depois do período do plantio e da “limpa”, vem o período da? **COLHEITA**

23. Onde os homens costumam usar boné? **CABEÇA**

24. Complete o dito popular: “Quem planta, um dia...”? **COLHE**

25. Quando uma coisa não é nova, dizemos que ela é? **VELHA**
26. A cor do milho é? **AMARELO**
27. Depois do mês de agosto, vem o mês de? **SETEMBRO**
28. A cor do sangue é? **VERMELHO**
29. A fêmea do carneiro é a? **OVELHA**
30. Adão foi o primeiro homem do mundo e Eva a primeira? **MULHER**
31. Do leite costuma-se fazer vários tipos de alimentos, cite alguns?  
**QUEIJO, COALHADA, MANTEIGA**
32. Quem costura roupa à mão utiliza o que para costurar? **AGULHA**
33. Como se chama aquele pequeno recado escrito que produzimos? **BILHETE**
34. O que se usa para fazer pipoca? **MILHO**
35. Os rádios de antigamente funcionavam movidos a que? **PILHA**
36. O contrário de ruim é bom, e de pior é? **MELHOR**
37. Para ganhar dinheiro honestamente, as pessoas fazem o que? **TRABALHAM**
38. Complete o ditado: "De grão em grão, a galinha enche o"? **PAPO**
39. Para comer carne, geralmente as pessoas usam garfo e faca e para tomar sopa elas usam? **COLHER**
40. Complete o dito popular: "cavalo dado não se \_\_\_\_\_ os dentes" **OLHA**



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese
- ( ) Dissertação
- (X) Monografia
- ( ) Artigo

Eu, FRANCIMÔNICA DAS CHAGAS MOURA, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação AS REALIZAÇÕES FONÉTICAS DO FONEMA /k/ NA FALA DE JOVENS E ADULTOS DA CIDADE DE SÃO LUÍS DO PIAUÍ-PI de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 19 de Janeiro de 2015.

Francimônica das Chagas Moura  
Assinatura